

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO

Letícia Almansa Klusener

INTER É UM SENTIMENTO:
SENTIDOS DE TORCER PARA O COLORADO DISTANTE DO ESTÁDIO BEIRA-RIO

Santa Maria, RS
2023

Leticia Almansa Klusener

INTER É UM SENTIMENTO:
SENTIDOS DE TORCER PARA O COLORADO DISTANTE DO ESTÁDIO BEIRA-RIO

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para a obtenção do título de jornalista.

Orientadora: Prof^ª Dra Laura Strelow Storch

Santa Maria, RS
2023

Letícia Almansa Klusener

**INTER É UM SENTIMENTO:
SENTIDOS DE TORCER PARA O COLORADO DISTANTE DO ESTÁDIO BEIRA-RIO**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para a obtenção do título de **jornalista**.

Aprovada em 15 de janeiro de 2024:

Laura Strelow Storch, doutora (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Maria Catarina Chitolina Zanini, doutora (UFSM)

Josemari Poerschke de Quevedo, doutora (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

Muito pensei sobre esse momento de conclusão de curso e parecia que demoraria muito para chegar. Foi em um piscar de olhos. Neste fim — ou eu diria também um começo — agradeço aqueles e aquelas que estiveram comigo durante o processo.

Agradeço à minha família pelo apoio incondicional, por me acolher em momentos duros que ultrapassam o caos de uma disciplina. Os momentos duros da vida mesmo.

Às minhas amigas, pelas conversas antes das aulas, pelos inúmeros quilômetros percorridos pelo campus e por fazerem desses anos mais leves. Obrigada pelo apoio, escuta e carinho.

Ao meu namorado, pela paciência e amor, que durante este período me apoiou em inúmeras frentes para que eu pudesse me dedicar ao processo. Pelos chocolates comprados em dias estressantes e pelo suporte.

Aos meus colegas de profissão com quem atuo neste um ano até o momento desta defesa. Por me ensinarem a encarar as coisas, me fazerem ainda mais curiosa e me incentivarem a fazer, mesmo sem que haja perfeição. O processo de fazer já é importante.

Ao Programa de Educação Tutorial da Comunicação pelas inúmeras atividades que me enriqueceram durante os dois anos da minha trajetória. À minha tutora pelas reuniões, conversas e orientações. Ao grupo por acolher minha individualidade.

À minha coordenadora de estágio, que me conquistou com as pautas que me designava. Pela escuta e por me deixar me guiar sozinha, mas colocava meu pé no chão quando precisava.

À minha analista pelas inúmeras horas de sessões de entendimento do meu eu e do mundo.

À minha orientadora por suportar e apoiar o sonho.

Ao meu time do coração. O sentimento mais intenso que vivo todos os dias. Tão intenso que é de onde nasce esse fim ou começo de um novo ciclo.

Eu queria agradecer eternamente ao torcedor colorado. Não só hoje, mas a minha vida inteira eu vou estar sempre ajoelhando por vocês, venerando vocês. Porque o Inter é maior do que tudo. E a grande grandeza do Inter são os torcedores. As pessoas passam, as decepções acontecem, mas acima de tudo, a instituição fica, o torcedor fica. E eu não tenho a menor dúvida de que os ídolos ficarão sempre. E por isso, meu eterno obrigado. Não somente por mim, mas pela minha família, porque com certeza vocês me fizeram muito feliz e fizeram minha família muito feliz, não tenho dúvida disso. E fazem até hoje.
(Fernando Lúcio da Costa, para o projeto "Os Protagonistas", em 2014).

RESUMO

INTER É UM SENTIMENTO: SENTIDOS DE TORCER PARA O COLORADO DISTANTE DO ESTÁDIO BEIRA-RIO

AUTORA: Letícia Almansa Klusener
ORIENTADORA: Laura Strelow Storch

Este trabalho tem como objetivo geral entender os sentidos dados pelos torcedores do Sport Club Internacional ao torcer para o clube distante do Estádio Beira-Rio. O estudo buscou compreender como são as rotinas quando vão ao estádio e quando não, entender o que sentem ao estarem distantes e observar como se relacionam com as notícias e informações do clube. Além disso, buscamos trazer um panorama da relação dos torcedores com a história do clube. Para isso, realizamos três (3) entrevistas com torcedores residentes em Santa Maria. Um dos requisitos era de que tivessem ido ao estádio pelo menos uma vez. Nos resultados evidenciamos os sentimentos ao torcer, como acontece a relação distante do estádio, quais as memórias acionadas e as relações estabelecidas com as informações do clube.

Palavras-chave: Torcedores. Internacional. Futebol. Memória.

ABSTRACT

INTER IS A FEELING: SENSES OF BEING A COLORADO FAN FAR WAY OF BEIRA-RIO STADIUM

AUTHOR: Letícia Almansa Klusener

ADVISOR: Laura Strelow Storch

This study analyzes which are the senses of being a Internacional's fan far way of Beira-Rio Stadium. The research sought to understand how are the fan's routines when they are going to stadium or when not, understand what are the feelings when they are far and observe how are the relations with the club's news. Beyond that, we seek to provide an overview of the fans' relationship with the club's history. To this end, we carried out 3 (three) interviews with fans residing in Santa Maria. One of the requirements was that they had been to the stadium at least once. In the results we highlight the feelings when supporting, how the distant relationship happens away from the stadium, which memories are triggered and the relationships established with the club's information.

Keywords: Fan. Internacional. Football. Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2. O INTERNACIONAL E A RELAÇÃO COM A TORCIDA	12
2.1 SURGE UM GIGANTE: BREVE HISTÓRIA DO INTERNACIONAL	12
2.2 O CONSULADO DE SANTA MARIA	15
2.3 O SÓCIO COLORADO	17
2.4 INTERAÇÕES COM O CLUBE	18
3. FUTEBOL E SOCIEDADE	20
3.1 O PAÍS DO FUTEBOL	20
3.2 MOBILIZAÇÃO E TERRITÓRIO	22
3.3 IDOLATRIA E PERTENCIMENTO	24
3.4 PASSADO VIVIDO NO PRESENTE	27
4. METODOLOGIA	31
4.1 RECORTE EMPÍRICO	31
4.2 ENTREVISTAS	32
4.3 ANÁLISE DO DISCURSO	34
4.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE	35
5. OS SENTIDOS DE SER DO INTER	37
5.1 COR DO SENTIMENTO	38
5.2 DA PRESENÇA NO ESTÁDIO	43
5.3 DAQUELES QUE NÃO SE ESQUECE	50
5.4 TORCEDORES CONECTADOS	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

Do verbo transitivo direto, torcer significa de forma geral “desejar vivamente (algo)”. Mas também, “manifestar sua predileção (pela vitória de uma equipe desportiva, uma agremiação, etc)”. Já a definição, também do dicionário Oxford (2023), a palavra torcedor significa “aquele que torce”. E convenhamos, talvez não seja suficiente dizer que o torcedor é apenas um acompanhante que vibra durante as campanhas. São vidas alteradas pelo sentimento que ultrapassa gerações e que se mantém vivo algumas vezes só em lembranças.

A história do Sport Club Internacional nasce, na prática, em 1909. Mas é possível também dizer que o desejo da sua criação veio alguns momentos antes, quando ainda estava somente no campo das ideias. Seu surgimento, seu quase fechamento em 1920, a construção de uma nova casa em 1960, os campeonatos vencidos, - tricampeão brasileiro 1975, 1976 e 1979, em 2005 a primeira Libertadores, em 2006 o tão sonhado Mundial - e as derrotas que se tornaram marcantes, são inúmeras as histórias que se construíram por conta do sentimento por um clube. E um clube constrói sua história com a força do seu torcedor. Com o Internacional isso não é diferente. O torcedor é aquele que está presente na vitória e na derrota e como diz um cântico da Guarda Popular, a banda do Inter, “porque é nas más que eu demonstro que te amo igual”. A figura que seguidamente caracteriza um torcedor é aquele que veste a camiseta e vai para o estádio. No entanto, torcer vai além de estar presente em cada jogo e este é o tema desta pesquisa.

A pergunta norteadora deste trabalho é qual (ou quais) os sentidos que estes colorados dão para o ato de torcer para o Internacional. Em particular, nos interessa compreender a relação que os torcedores que moram longe de Porto Alegre (cidade em que fica localizada a sede do clube) estabelecem com o time a distância. Nossos objetivos são entender como, quando e por que torcem. Para esta pesquisa utilizaremos de autores como Damatta (1982 e 1994), Helal (1999 e 2003), Vogel (1982) e Sérgio Vilas Boas (2005) para pensar o futebol e a mobilização destes torcedores. Para pensar os atos e agentes da memória nos apropriamos dos estudos de, Berger e Luckmann (1985) e Pollak (1989). Acionando nosso campo de estudos, a comunicação tem um importante papel na construção das memórias de torcedores que acompanharam o crescimento do clube e buscamos entender em que momentos da vida dos torcedores ela se faz mais presente, e de que formas.

Assim, neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) discutimos sobre os sentimentos de torcedores e sobre a construção de vínculos subjetivos com os clubes de futebol. Buscamos

entender de onde nasce o sentimento, o que sentem morando distante do estádio do seu clube e quais são as memórias acionadas ao rememorar suas experiências com o time. Para realizar este estudo optamos, como método, pela realização de entrevistas em profundidade com torcedores do Sport Club Internacional que residem na cidade de Santa Maria, no interior do estado do Rio Grande do Sul, distante 288 quilômetros de Porto Alegre. Foram selecionados, por critério de conveniência, três torcedores com idades de 22, 25 e 63 anos, que atuem no campo profissional da Comunicação e que tenham ido pelo menos uma vez ao estádio Beira-Rio para assistir a um jogo.

As três entrevistas foram realizadas guiadas por estruturas em tópicos, utilizando as características da entrevista semi-estruturada. Os questionamentos foram feitos em ordem aleatórias conforme os entrevistados iam organizando suas ideias e as expondo. O recorte para entrevistados que tivessem relação de trabalho e estudo com a comunicação se dá por considerarmos o conhecimento acerca do exercício da profissão: sabem como os jogadores (e clube) se relacionam com a imprensa, como funciona uma campanha de marketing e suas estratégias, além de ter uma relação mais direta, tendo em vista o trabalho na área, com informações e notícias, sejam elas do clube ou não.

Nos propomos a entender como estes torcedores se sentem longe do estádio, qual a sua rotina quando desejam ir a um jogo e seu gasto financeiro para que o amor seja acompanhado de perto na sua ida ao Beira-Rio. Buscamos fazer uma reflexão acerca da importância dos consulados, do trabalho social do clube, bem como do relacionamento com as informações que recebem por meio das redes sociais. Além disso, qual a motivação que mantém este torcedor assíduo ou distante quando se trata de acompanhar seu time pela televisão, rádio ou internet quando não está perto fisicamente. Entender também a diferença entre acompanhar um jogo dentro do estádio, em casa ou em um bar com os amigos.

Pesquisa deste tipo não são tão comuns no campo da Comunicação, visto que, em geral a compreensão sobre as relações de comunicação com uma empresa ou organização se dão partindo do ponto de vista das mídias. Aqui, nossa proposta é inverter a dinâmica de pesquisa e focar a investigação nos modos como os entrevistados experienciam o clube, independente de sua vinculação com um ou outro tipo específico de mediação midiática. Neste sentido, a pesquisa tem potencial de auxiliar no exercício do trabalho da Comunicação do clube — nas estratégias de relacionamento com os torcedores do interior do estado, por exemplo. Entender o que é importante para o seu torcedor distante da capital e como conseguir aproximá-los mais, tendo em vista que a relação com os jogadores e partidas ficam restritas a relações distantes, por telas e sentimento de memórias já vividas dentro deles.

Este trabalho se divide em capítulos, primeiro de forma mais abrangente, para depois se deter as histórias relatadas nas três entrevistas feitas. Em 2 a 2.4, discutimos a história do Internacional e a organização dos consulados. Já em 3 a 3.4, elaboramos um referencial teórico que guiará a construção da análise. Em seguida, em 4 a 4.4, explicamos o método adotado para análise do conteúdo coletado, bem como da elaboração das entrevistas. Por último, discutimos na análise o que foi relatado e rememorado pelos entrevistados, que traz com ela o amor carregado pelo Internacional.

2. O INTERNACIONAL E A RELAÇÃO COM A TORCIDA

Uma relação muitas vezes difícil de ser conceituada, mas que já é muito estudada em diversas áreas. É importante pensar o futebol, torcida desde a área da saúde até a área da comunicação. Este capítulo está separado em quatro tópicos. A ideia é contextualizar a história do clube e sua fundamentação como Clube do Povo. Também construímos uma base para entender a relação do clube com seus torcedores, para além daqueles que são sócios.

Neste primeiro tópico contamos a história do Internacional e sua fundação e o motivo de ser conhecido como Clube do Povo. Reforçamos neste ponto a importância da participação do torcedor para a manutenção do clube, quando este passava por dificuldades, e principalmente, na construção de um estádio.

Passando para o segundo tópico, discutimos a importância dos Consulados na construção de um relacionamento com os torcedores distantes da capital. Os consulados servem como uma ponte para aproximar os torcedores do clube. Além disso, um dos principais focos do que é feito por eles é angariar mais sócios. Eles também têm um papel importante nas idas ao estádio. É a partir dele que as cidades organizam excursões para assistir aos jogos no estádio. Mais especificamente neste tópico contextualizamos um pouco do trabalho do Consulado de Santa Maria.

No terceiro ponto discutimos as modalidades de associações do Internacional. Aqui, reforçamos as campanhas realizadas para aproximar o sócio do interior do estado e o tornar também um sócio. O Inter tem uma modalidade destinada a pessoas que possuem o Cadastro Único e aos estudantes. Uma associação de valor mais acessível que custa R\$ 10, além do pagamento de ingresso de cada partida, que também custa R\$ 10.

No quarto e último tópico deste parágrafo, construímos de forma breve a relação do sócio colorado com as redes sociais do clube. Também pontuamos quais destas seriam destinadas apenas aos sócios do clube, de forma estratégica. Além disso, trouxemos a relação do clube com a imprensa local, que apesar de acabar não cobrindo de forma presencial os jogos, a relação do torcedor de Santa Maria acaba também sendo pauta em determinados momentos.

2.1 SURGE UM GIGANTE: BREVE HISTÓRIA DO INTERNACIONAL

Foi em 1909 que três irmãos, Henrique Poppe Leão, José Eduardo Poppe e Luiz Madeira Poppe, fundaram o Sport Club Internacional. A proposta era ser um clube que

possibilitasse que diferentes pessoas, de etnias distintas, pudessem se sentir pertencentes a um time, em contrapartida, ao que acontecia em outros clubes da cidade de Porto Alegre, onde apenas determinadas etnias eram possibilitadas a jogar futebol. Eles, de cultura italiana, não haviam sido aceitos no rival. É no Colorado que a identificação e aceitação com a diversidade aparece. Foi justamente ali que o futebol gaúcho teve a oportunidade de ver grandes jogadores brilharem, que antes não eram aceitos em outro clube por conta da cor, por exemplo. Um destes foi Osmar Fortes Barcellos, conhecido como Tesourinha, que marcou história no futebol na década de 40, e ascendeu a história do Internacional como campeão gaúcho, foram oito títulos consecutivos. Foi a partir deste grande período que nasceu o time conhecido como “Rolo Compressor”.

Voltando a história do clube: ainda em 1920, havia grande possibilidade de que o clube fechasse suas portas. Foi em 1927 que veio o primeiro título estadual. Ali, também surgia a construção da sua primeira casa, o Estádio dos Eucaliptos. Falar de Inter nessa época, e justificar sua identidade como Clube do Povo, é ter que falar também sobre a Liga das Canelas Pretas¹, que, na verdade, tinha o nome de Liga Nacional de Futebol Porto-Alegrense (LNFP). O objetivo do torneio era proporcionar que jogadores que não jogam nos clubes tradicionais do município pudessem jogar nesta competição. Foi então que surgiram nomes como o de Sylvio Pirillo e Tupan Ernâni dos Santos. Contudo, é possível dizer que a identificação como Clube do Povo vai além das questões de raça.

É na crescente do time que o estádio que abrigava o clube, o Estádio dos Eucaliptos, começa a ficar pequeno para o Gigante Colorado. Foi em 1956 que o vereador Ephraim Pinheiro Cabral apresentou na Câmara de Porto Alegre um projeto para a doação de uma área de oito hectares para a construção de um novo estádio. No entanto, os torcedores não contavam que o espaço ficava dentro do Rio Guaíba e antes da construção de fato seria necessário um processo de aterramento do local². É deste local que surge a famosa frase de que nada seria impossível para uma “torcida que ergueu um gigante sobre as águas”³.

Depois de este processo, o protagonismo da torcida, viria a “Campanha do Tijolo”. Ainda jogando nos Eucaliptos, uma faixa entrou junto em campo com os jogadores dizendo

¹ Foi uma liga que buscou integrar unicamente homens negros em partidas de futebol. Ela surgiu após terem negado que o time Riograndense participasse da Liga Metropolitana, onde a maioria era homens brancos. O time do Riograndense era composto por homens negros.

² Disponível em:

<https://ge.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/cinquenta-anos-de-um-gigante-beira-rio-nasce-das-aguas-para-ser-palco-das-glorias-do-inter.ghtml>

³ Frase que está gravada no túnel de entrada do Estádio Beira-Rio. Remete a construção da edificação sobre o Rio Guaíba e a campanha do tijolo, da qual os torcedores colorados fizeram doações de tijolos para a construção do estádio.

“Campanha do Tijolo: compre bônus e acelere as obras do Gigante da Beira-Rio”. A ideia era de que todos os torcedores, que de alguma forma pudessem fazer uma doação para a construção do estádio, que a fizessem. Talvez, a ideia de por tijolo por tijolo une ainda mais a torcida para a construção do Gigante. Em dado momento, até Paulo Roberto Falcão subiu a rampa carregando um monte de terra em um carrinho de mão⁴. Talvez muito além do nome Internacional, de aceitar e nascer de outras etnias, a ideia de Clube do Povo surge também do proletariado, do se sentir pertencente mesmo doando apenas um tijolo. É isso que Roberto Damatta (1994), em *A Antropologia do óbvio*, defende: o futebol é capaz de promover “sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós”. Também pode casar valores culturais locais e tradicionais com ideias modernas e universais. Por isso, ele abarca tantas pessoas em prol de um bem comum e move multidões (DAMATTA, 1994, p.12).

É com o olhar virado para quatro linhas, uma bola, vinte e dois jogadores em campo, além dos isentos que ditam regras, os árbitros, que o mundo para e acompanha o esporte. O futebol é paixão nacional pelo menos de nós brasileiros. Reconhecido no mundo como país do futebol, mesmo sem ter sido criado aqui e sim na Inglaterra, no Brasil, o esporte move multidões. Dá sentido à vida de alguns e faz nascer um sentimento de vitória para aqueles que não tem condições de ascender hierarquicamente na sociedade tendo em vista sua condição social (DAMATTA, 1994). Com isso, limites geográficos não são impeditivos para viver essa paixão. Mesmo distante de suas casas, dos estádios, os torcedores alimentam o amor diariamente de diversas formas. Uma vez ou outra viajam mais de 280 quilômetros, de Santa Maria a Porto Alegre, para fortalecer o laço que muitas vezes é passado de geração em geração⁵

No Rio Grande do Sul há dois grandes clubes e grandes rivais que possuem seus estádios localizados em Porto Alegre. O Sport Club Internacional ultrapassou os 130 mil sócios em outubro de 2023⁶. Este Trabalho de Conclusão de Curso busca entender a relação dos torcedores do Internacional que estão no interior do estado, no município de Santa Maria, e como os clubes acabam necessitando do apoio da torcida daqueles distantes da capital para se fortalecerem. E é na distância que o sentimento de amor pode aumentar. Estes torcedores

⁴ Disponível em:

<https://ge.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/cinquenta-anos-de-um-gigante-beira-rio-nasce-das-aguas-para-ser-palco-das-glorias-do-inter.ghtml>

⁵ Disponível em:

https://diariosm.com.br/esportes/mais_de_200_santa_marienses_estarao_no_beira_rio_para_acompanhar_duelo_entre_inter_e_fluminense_pela_libertadores.547896

⁶ Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2023/10/inter-se-aproxima-de-130-mil-socios-clntb0ccv0070015ytxjq1wfl.html>

valorizam o estar no estádio visto que não sabem quando poderão vivenciar o espaço pulsando novamente. Além disso, sabem que é preciso organização para poder estar presente lá novamente; por isso, estudam, calculam, pensam as condições do próximo jogo que vão decidir ir. Meu time estará bem? Vou conseguir comemorar gols? Passará para a próxima fase da competição? É um jogo contra um time de tradição? São algumas das questões que passam na cabeça do torcedor antes de tomar uma decisão.

A finalidade do trabalho é contribuir para a discussão acerca da importância do futebol no individual e coletivo dos cidadãos, bem como trazer uma luz para trabalhos que possam a ser realizados pelos clubes com seus torcedores, estes que são do interior e ajudam a lotar o estádio.

2. 2 O CONSULADO DE SANTA MARIA

Para que o trabalho dos clubes com as torcidas funcionem é necessário que muitas pessoas estejam envolvidas. Isso diz respeito ao trabalho para além das quatro linhas. Com isso, as instituições contam com grupos, como se fosse sede de associações em diversas cidades, os chamados consulados. No site do Sport Club Internacional, por exemplo, há uma aba específica para o trabalho dos consulados, suas funções, os cônsules culturais, além das notícias envolvendo os consulados. Cada município, que tiver um envolvimento com o clube, e prezar pelo nome da instituição, pode criar um consulado. Em Santa Maria, o cônsul do Internacional é Pedro Della Pasqua e o vice Márcio Brussa.

O trabalho do consulado do Inter se dá por meio da área de Relacionamento Social do clube, que, atualmente, é de responsabilidade do vice-presidente Cauê Vieira. É este setor que trabalha diretamente com o torcedor, que organiza excursões para outros países, além das festas que contam com a presença de ex-jogadores e que fizeram história pelo clube para haver arrecadação de novos sócios. Em 2022, ano em que o Consulado de Santa Maria começou a ter mais engajamento, o Internacional promoveu a festa *Paixão Sem Limites*. Nela, o principal objetivo da gestão é atrair novos sócios. E isto é possível rememorando grandes conquistas e ouvindo dos próprios jogadores as histórias de como conseguiram o feito. Nas festas, o ônibus do Inter, o mascote Saci do clube, a banda Ataque Colorado, taças de grandes conquistas, bandeirões acompanham os novos associados. A última festa organizada pelo Consulado de Santa Maria junto ao Relacionamento Social ocorreu em 26 de novembro de 2022, no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Sentinela da Querência, localizado no Bairro

Camobi⁷. Nessas ocasiões, funcionários do clube que trabalham diretamente com novas associações participam. Os torcedores, auxiliados destes profissionais, preenchem ficha com nome completo, idade, residência e fazem uma foto para a confecção da carteirinha de sócio.

Além das campanhas já tradicionais e excursões, os consulados podem e devem promover atividades próprias, que não estejam necessariamente ligadas com o clube de forma direta, mas que levem a sua história e identidade. Um exemplo disso são as campanhas de doação de sangue⁸. Muitas vezes os clubes rivais se juntam para competir entre eles, como se fosse uma partida, quanto maior o número de torcedores que se engajarem com a campanha e doarem sangue, sai vencedor. E cá entre nós, a rivalidade é tão grande, que os torcedores não querem perder nem no par ou ímpar. A partir disso é possível ver que a paixão e a rivalidade com o adversário contribui para um bem comum, que neste caso, é a doação de sangue.

Desde 2021, o Consulado do Inter em Santa Maria organiza excursões para as partidas do time pelo WhatsApp. Até o dia três de outubro de 2023, 1.022 torcedores faziam parte do grupo. É ali que se organizam por meio de listas para a realização das viagens. Nos jogos da Copa Libertadores, partidas de volta das oitavas e quartas de finais, contra River Plate, em 8 de agosto de 2023, e Bolívar, 29 de agosto de 2023, respectivamente, o grupo fechou cinco ônibus de 50 lugares cada. Ainda, no jogo de ida contra a equipe da Argentina, em 1º de agosto de 2023, um ônibus de Santa Maria percorreu mil quilômetros para levar os torcedores até o confronto⁹. Foi por uma parceria entre o Consulado de Santa Maria e Santa Cruz do Sul que a viagem foi possível. O trabalho do relacionamento social do Inter sorteou alguns ingressos, estadia e viagem paga para este jogo. Os torcedores que mais associassem outros torcedores (por meio do uso de um cupom) ganhariam a viagem paga. Dois membros do Consulado de Santa Maria foram sorteados.

O trabalho do Consulado é basicamente ser o relacionamento entre clube e torcida. Como muitas vezes a demanda para o trabalho do relacionamento social é grande, os clubes contam com a ajuda do grupo para associações, auxílio em pagamentos de mensalidade, esclarecimento sobre votação e compra de ingressos.

⁷ Disponível em:

https://diariosm.com.br/esportes/consulado_do_inter_em_santa_maria_promove_festa_aos_torcedores_com_a_presenca_de_ex_jogadores.50142

⁸ Disponível em:

https://diariosm.com.br/noticias/saude/campanha_grenal_pela_vida_termina_nesta_quinta_feira_em_santa_maria_saiba_como_participar.559869

⁹ Disponível em:

https://diariosm.com.br/esportes/17_horas_de_viagem_mil_km_de_estrada_e_a_paixao_pelo_inter_santa_maria_vao_a_buenos_aires_torcer_pelo_colorado.533434

2.3 O SÓCIO COLORADO

O Internacional conta com cinco modalidades para associação. Nelas, distintos são os critérios para que o torcedor possa se associar e há diferença nos valores de pagamento, assim como descontos e prioridades na compra de ingressos. Na aba de *Associe-se* do site é possível conferir cada uma delas. O destaque para as associações do Internacional compete naquela ligada ao Cadastro Único do Governo Federal. A associação de menor valor para o sócio é a Academia do Povo. Aquele que se associar nesta categoria paga R\$ 10 de mensalidade e R\$ 10 no ingresso em cada partida. Os mesmos serviços das outras modalidades contam para esta. Contudo, os sócios desta modalidade acessam o estádio por meio de biometria e podem comprar ingresso para três setores, no portão 10, portão 7 e portão 3. Além disso, precisam contar que são estudantes ou pessoas de baixa renda, por meio da apresentação do CADÚNICO.

A de valor mais alto é a Carteira Vermelha. Com ela o acesso ao estádio é liberado mediante check-in, com isso, não é preciso realizar a compra de ingressos, a entrada é gratuita. Também, tem descontos em produtos oficiais na loja do clube, participa de sorteios, tem direito ao voto nas eleições, acessa o Parque Gigante com descontos na academia e salões de festas. Nela, o torcedor precisa pagar a taxa de adesão por R\$ 2.200, e a mensalidade de R\$ 137,50.¹⁰

Já a modalidade Campeão do Mundo custa R\$ 55 por mês. O sócio pode adquirir o ingresso por partida custando metade do preço, também participa dos sorteios e promoções do clube, têm direito ao voto nas eleições, Visita Colorada ao estádio e Museu do Inter de graça, assim como desconto na academia e salões de festas do clube.

A modalidade Nada Vai Nos Separar é outra opção de associação, aqui, da mesma forma, o torcedor possui os descontos nas visitas e serviços do clube e direito ao voto. Contudo, nesta categoria, não há desconto nos ingressos em dia de jogo, o sócio possui apenas a preferência em comprar antes do torcedor que não é sócio.

Em 2020, com base nas receitas da temporada de 2019, o Grêmio e o Inter foram os clubes que mais faturaram em receita com mensalidade de associações, R\$ 75 e R\$ 74 milhões respectivamente¹¹. São inúmeras as iniciativas da gestão do clube para colocar seu torcedor para dentro do estádio. Além das diversas opções de mensalidade, as campanhas

¹⁰ Disponível em: <https://internacional.com.br/noticias/inter-oferece-carteira-vermelha-para-novos-socios>

¹¹ Disponível em:

<https://tntsports.com.br/futebolbrasileiro/Gremio-e-Inter-sao-os-clubes-que-mais-faturaram-com-socio-torcedor-em-2019-20200519-0014.html>

incentivam o torcedor a comparecer ao Beira-Rio. No último jogo contra o São Paulo, no dia 13 de setembro de 2023, partida que terminou em 2 a 1 para o Internacional, o clube realizou uma campanha com direito a um ingresso gratuito. Todo sócio que comprasse um ingresso tinha a possibilidade de levar um acompanhante de graça. Por ser um jogo em uma quarta-feira, o Estado estar atento para a situação das enchentes e a forte chuva em Porto Alegre, o Beira-Rio contou com um público de apenas 20.763.

Além disso, o Internacional é um dos poucos clubes do Brasil em que torcedores com menos de 12 anos entram de graça em partidas quando estas são realizadas no Estádio Beira-Rio, sendo eles sócios ou não. Para isso, é preciso a emissão de um voucher e devem estar também acompanhadas do seu responsável. O fato exemplifica o desejo do clube de aproximar seu torcedor jovem, mas também de fazer com que pais, mães e responsáveis de qualquer natureza daquela criança se sintam também bem-vindo ao estádio, a começar pela gratuidade do acesso dos menores.¹²

Ainda em setembro de 2023, o Inter lançou mais uma campanha. Torcedores do interior poderiam se associar com até 25% de desconto. Colorados que residissem de 151 km a 300 km longe do Beira-Rio podiam contar com 10% de desconto em duas modalidades, a Carteira Vermelha, que aqui eles chamam de Sócio Colorado, e na Campeão do Mundo. Os valores seriam de R\$ 123,75 e R\$ 49,50. Já os torcedores a partir de 301 km ganhariam 20% de desconto no Sócio Colorado e 25% de desconto no Campeão do Mundo. Os valores seriam de R\$ 110 e R\$ 41,25.¹³

Em Santa Maria, segundo o cônsul e vice-cônsul do Internacional no município, Pedro Della Pasqua e Márcio Brussa, são cerca de mil colorados associados.¹⁴

2.4 INTERAÇÕES COM O CLUBE

São diversos os meios de contato do Internacional com a sua torcida. Um deles é o site institucional *internacional.com.br*. Lá os torcedores podem acessar a história, serviços, loja, se associar, bem como entrar no portal de sócio para os torcedores associados. Também pode acompanhar a rotina de treinos dos times, sejam eles o profissional masculino, feminino ou a base do clube. Além disso, os responsáveis pela comunicação do clube postam antes dos

¹² Disponível em:

<https://internacional.com.br/noticias/saiba-como-funciona-o-acesso-de-menores-de-12-anos-ao-beira-rio>

¹³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CxWdfejlULk/?utm_source=ig_web_copy_link

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/live/5oVZH7t1-BA?si=ifWCsqAE9EayiVI>

jogos no Beira-Rio os “serviço de jogo” informando sobre compra de ingressos. Como a promoção da primeira final do Gauchão feminino do último campeonato.¹⁵

Nas redes sociais, o clube está presente com uma página no Facebook¹⁶, Twitter (atualmente X)¹⁷, TikTok¹⁸, Instagram¹⁹ e YouTube²⁰. Para cada rede social a comunicação trabalha com estratégias diferentes pensando o melhor formato para aquela rede social. No último ano, em outubro de 2022, o clube lançou o Mundo Colorado, uma atualização do que era o antigo aplicativo do Inter. Naquele ano o clube prometeu ser um aplicativo cheio de experiências para seus torcedores, com entrevistas exclusivas e os tradicionais bastidores de jogos. Este último dividiu opiniões dos torcedores, visto que se publicado apenas no Mundo Colorado era de acesso só dos sócios. Em alguns jogos deste ano o clube acabou por utilizar o YouTube (como fazia anteriormente) para a publicação dos vídeos.²¹

Além das tradicionais redes sociais, o clube utiliza de outras estratégias para chegar ao seu torcedor, algo mais íntimo. No início do ano de 2023, o WhatsApp lançou a comunidade, aqueles que entrarem nela recebem os conteúdos pela plataforma de mensagens²². O clube também utiliza de mensagens automáticas para falar com seu torcedor em particular. Ademais, há o e-mail marketing disparado para campanhas de associação, venda de uniformes, bem como a abertura da venda dos ingressos de cada jogo.

Para além do trabalho comunicacional, o clube é pauta em toda a imprensa do Rio Grande do Sul, até mesmo, de alguma forma, da imprensa local de Santa Maria. Apesar de distante da capital, impossibilitando coberturas *in loco*, o clube pauta o jornal local, Diário de Santa Maria, com seus torcedores engajados na campanha do clube, em jogos da Libertadores 2023, por exemplo.

Agora que já discorremos sobre a instituição, o valor dado para associações, bem como o trabalho e a principal função dos consulados, buscamos compreender no próximo capítulo a importância dada a este relacionamento. O objetivo é entender, com ajuda dos

¹⁵ Disponível em:

<https://internacional.com.br/noticias/servico-de-jogo-inter-x-gremio-final-gauchao-feminino-2023>

¹⁶ O Facebook é uma rede social que surgiu em 2004. Nela, é possível fazer amizades, seguir páginas, realizar publicações, com vídeos, links e fotos. Disponível em: <https://www.facebook.com/scinternacional>

¹⁷ O Twitter é uma rede social criada em 2006. É possível compartilhar vídeos e fotos e mensagens. Disponível em: <https://twitter.com/SCIInternacional>

¹⁸ O Tiktok chegou ao Brasil em 2018, é uma rede social para compartilhar vídeos. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@scinternacional>

¹⁹ O Instagram nasceu em 2009 inicialmente como uma rede social de fotos. Atualmente é possível compartilhar vídeos também. Disponível em: <https://www.instagram.com/scinternacional>

²⁰ O YouTube é uma rede social de canais de vídeos. Seu surgimento aconteceu em 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/@scinternacional>

²¹ Disponível em: https://youtu.be/l4c4sK_Nz6U?si=oRZZOnOpmiRgRqOf

²² Disponível em: https://faq.whatsapp.com/438859978317289/?locale=pt_BR&cms_platform=web

autores da área, o motivo pelo qual o futebol acaba ocupando boa parte da vida destes torcedores, o valor dado para o acompanhamento e o sentimento que é estar junto ao clube, seja de forma presencial ou no simbolismo que é torcer.

3. FUTEBOL E SOCIEDADE

O futebol é um esporte que mobiliza diversas pessoas, tanto para jogar, pensando em amigos que se juntam toda a semana para descontraírem, quanto para torcer por um clube, são pessoas reunidas de diversos locais e contextos sociais vibrando por um único time. Após a contextualização referente ao clube, este capítulo tem como foco introduzir com um breve contexto do futebol no país, passando primeiro pela sua criação. Na sequência, trazemos a relação das pessoas com o esporte, debatendo com diferentes autores que já trabalham com a relação social do futebol. Elencamos nesta parte do trabalho o espaço ocupado pelo futebol no cotidiano das pessoas. Neste capítulo também reforçamos, a partir dos autores acionados, o motivo do esporte ocupar esta posição de fuga da realidade, de vibração depois de um dia cansativo e de emoção pela torcida. Além disso, tendo em vista o objeto da pesquisa, relacionamos com a noção de território. Também discutiremos sobre a relação do torcedor com seus ídolos e quais as características postas por eles quando falamos sobre as grandes conquistas.

3.1 O PAÍS DO FUTEBOL

No Brasil, o futebol hoje é amado por muitos. Apareceu em 1894 por meio do esportista Charles Miller. Foi ele quem trouxe a primeira bola de futebol para o país. É considerado o pai do futebol no país. Nascido em São Paulo, foi à Inglaterra aos dez anos e lá começou a praticar o esporte. Aqui, a primeira partida data de 14 de abril de 1895²³, quando Miller jogou pelo São Paulo Railway, que venceu o Gaz Team por 4 a 2. De lá para cá, o esporte é enraizado na cultura brasileira.

Como bem pontua Roberto Damatta (1994), o futebol mobiliza as massas. Isso porque é dele que surge o sentimento de identificação, seja individual ou coletiva. Com ele, um estranho pode se tornar um amigo, marido ou esposa, colega de trabalho ou parceiro de arquibancada. A partir dele é possível rememorar histórias que nem ficariam tão marcadas se não fosse o carinho nutrido por um clube: o gosto especial do refrigerante ou da cerveja tomados nos arredores do estádio, o ato de comprar uma capa de chuva para assistir ao jogo e

²³ Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/480271/>

a mobilização para estar com a carteira de vacinação atualizada em um pós-pandemia para conseguir entrar no estádio.²⁴

O futebol está presente nas redes sociais, nas conversas de bares e cafés, na fila do banco, nos exemplos em sala de aula, no fazer amizades na época da escola, apresentar um namorado ou namorada para a família ou somente pela identificação com a tradição e história de um clube. A questão principal para aqueles que não vivem a paixão por um clube é qual o motivo de se identificar e mobilizar tanto para acompanhar seu time, visto que muitas vezes essas pessoas se organizam com folgas no trabalho, viagens para longe de casa, na espera por compra de ingressos - tudo para vivenciar um momento com o clube. Tudo que cerca esta paixão é complexo, mas o principal ponto é simples de se entender: a mobilização pelo futebol se atribui ao sentimento de prazer e a não obrigatoriedade de nada, tal como um trabalho. Nele você vivencia “o efeito de pausa, feriado, ou descontinuidade com a sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo.” (DAMATTA, 1994, p.13).

Dito isto, é por meio deste esporte que a classe trabalhadora consegue experimentar o êxito, a vitória, a ascensão. Mesmo assim, o autor explica que não é pelo fato do futebol proporcionar este efeito de pausa e vitória, que ele está desconectado da realidade do trabalhador. Pelo contrário, o ato de ter hora marcada para chegar ao estádio e o pagamento correto dos ingressos está ligado ao que ele chama de “disciplina das massas”. Ademais, o sentimento de que jogadores têm oportunidades iguais, podem perder ou ganhar está diretamente ligado a uma cultura burguesa. (DAMATTA, 1994, p. 13). Ainda, um esporte que mobiliza muita gente “afirma valores capitalistas básicos, como o individualismo e o igualitarismo”. Aqui, o autor pontua que no individualismo cada um tem sua liberdade para escolher um clube ou herói do esporte. Já no igualitarismo ambos os times em campo devem ser tratados igualmente, sem que um seja mais favorecido que o outro. Contudo, o autor ressalta que, na verdade, não é o que ocorre, tanto nas leis aplicadas no direito, quanto no futebol.

Além de ocupar o dia a dia das pessoas, o cotidiano, conversas rápidas de encontros do tipo “viu nosso time? que fiasco ein?”, o futebol também é a profissão de muitos, assim como dos atletas, mas também de jornalistas. E o espaço ocupado em grades de televisão, de rádio e regularidade de publicações em jornais impressos e digitais só mostra como somos movidos

²⁴ Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/09/30/governo-rs-autoriza-publico-estadios-comprovante-vacinal.ghtml>

por ele. Sérgio Vilas Boas (2005), em *Formação e Informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos*, questiona a necessidade de trabalhar na mídia o esporte para além das competições oficiais. “Esporte é muito mais do que um jogo, não? Envolve ciência, tecnologia, saúde, política, história, comportamento, economia. Há inúmeras interfaces possíveis, polêmicas e necessárias que o jornalista poderia costurar para não se ater somente à questão da disputa.” (BOAS, 2005, p.8) Aqui o autor reforça mais uma vez a importância de tratar do extra campo dos clubes, como avaliações físicas, tecnologias utilizadas na preparação, saúde mental, mas também pesquisarmos e produzimos mais sobre o sentimento e realidade dos torcedores.

O fato do futebol ser um motivador para muitas pessoas, seja para os torcedores ou para aqueles que desejarem ascender na vida por meio da prática esportiva, evidencia a necessidade de trabalhar também para além do declarativo nas matérias jornalísticas. Além disso, a comunicação do clube, aqui podemos até falar em posicionamento de gestão, ao se esforçar para criar uma relação com aquele torcedor, também esclarece a real importância que se dá ao seu torcedor. A empresa precisa mostrar que quer seu torcedor interagindo, que se interessa pela opinião dele, que há o direito do voto e também que a sua presença importa para fazer a diferença em uma partida.

3.2 MOBILIZAÇÃO E TERRITÓRIO

O futebol é motivador de massas. É assim que torcedores que estão distantes das sedes dos seus clubes percorrem longas distâncias para assistir a uma partida. Após passarmos brevemente sobre a história do futebol no país e o motivo de motivar massas, nos detemos aqui a discutir essa mobilização daqueles que estão distantes. Há uma organização para o evento — a viagem, a entrada, a vida que fica, seja o trabalho ou família — funcionar da melhor maneira possível, que se chegue no horário e que busque o melhor espaço no estádio a tempo, antes que fique muito cheio. Enquadramos a situação como um acontecimento extraordinário, aquele que dificilmente se atrasa e que foge do rotineiro (DAMATTA, 1997, p. 49).

Durante os anos a maneira de torcer para um clube mudou por conta das diferentes formas que nos relacionamos. A partir do momento que *streaming*²⁵ passaram a transmitir jogos, como o caso do Amazon Prime Video, com a Copa do Brasil e CazéTV, com a Copa do Mundo Feminina, o que era comum, assistir aos jogos em TV aberta, passou a se alterar.

²⁵ Ver <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62101014>

Alguns anos atrás, assistir aos jogos em TV aberta era comum. Se reunir com a família, ir a um bar, mas fazer daquilo um evento era a realidade. Além disso, o jornal impresso também era uma das formas de ter acesso a informações sobre o clube, de modo que as pessoas podiam saber sobre a escalação de um time ou até mesmo receber o resultado de um jogo de outro dia. Atualmente, está tudo na palma da mão. Com a possibilidade de assistir aos jogos por streaming, no próprio celular conectado às redes móveis você assiste ao jogo sem sair do lugar. Em decorrência disso, o torcer é diferente dos anos anteriores. E isto causa até um conflito de gerações. Na torcida do Internacional, por exemplo, discussões sobre “ser mais torcedor” dependendo da época em que viveu o clube, é algo quase que rotineiro nas discussões das redes sociais.

Outro exemplo é a importância que a torcida dá para determinadas narrativas em dias de decisões. Em 2019, colorados utilizaram a foto de um antigo jogador do Inter para transformar ele em amuleto para a decisão que se teria pela frente. Andrezinho foi campeão da Libertadores pelo Inter em 2010. Foi ele quem fez gol decisivo de falta nos últimos minutos de jogo nas quartas de final contra o Flamengo. Estava feita a superstição. Naquele momento, os torcedores alteraram seus ícones da rede social Twitter para a foto do jogador²⁶. Mas o roteiro não foi tão positivo para a torcida colorada. Diferente daquele enredo de 2010, no qual o Inter passava de fase com gol de Andrezinho, em 2019 o clube empatou por 1 a 1 no Estádio Beira-Rio. O Flamengo havia ganhado de 2 a 0 no Maracanã. O Rubro-negro foi campeão da Copa Libertadores daquele ano.

Ademais, o sentimento de estar próximo àquele lugar sagrado se fortalece e faz com que mesmo sem poder assistir à partida, os torcedores se desloquem para o local que tem um significado a mais. Um estádio identifica sua torcida, apesar de que, atualmente, alguns estádios acabam sendo palco de partidas de rivais também, como no Mineirão e no Maracanã. Contudo, no Rio Grande do Sul são extremos: Beira-Rio é Zona Sul, Arena é Zona Norte, Inter é vermelho, Grêmio é azul. Aqui acionamos a área da Geografia para discutir território. Para Rogério Haesbaert (2011), pesquisados da área, aqueles que vivem em um mesmo local, mesmo limite, acabam por ser considerados “iguais”. Isso se deve a dois fatos, discorre o autor. O primeiro pelo fato de estarem controlados pelas forças daquele local internamente e o outro por se diferenciar dos demais, daqueles externos. Por isso, estar aos arredores do

²⁶ Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/08/28/colorados-usam-andrezinho-como-amuleto-e-fazem-ex-meia-bombar-na-web.htm>

estádio, com “os seus”, vestindo as mesmas cores e embalados pelas mesmas músicas faz com que o momento seja especial.

Haesbaert (2011) explica que a noção de território tem a ver com poder. Segundo ele, implica na “dominação e apropriação”. Para o autor, os territórios acabam por não ser somente “funcional” ou “simbólicos”, eles estão sempre relacionados de alguma forma.

Assim, poderíamos falar em dois grandes “tipos ideais” ou referências “extremas” frente aos quais podemos investigar o território, um mais funcional, outro mais simbólico. Enquanto “tipos ideais” eles nunca se manifestam em estado puro, ou seja, todo território “funcional” tem sempre alguma carga simbólica, por menos expressiva que ela seja, e todo território “simbólico” tem sempre algum caráter funcional, por mais reduzido que ele seja. Num esquema genérico dos extremos deste já aludido continuum entre funcionalidade e simbolismo (HAESBAERT, 2011, p. 23).

A partir disso, o autor discorre também sobre a importância de olharmos para aquele lugar localizado no tempo. Quais os valores atribuídos ao território com o passar do tempo, são os mesmo? “Os objetivos dos processos de territorialização, ou seja, de dominação e de apropriação do espaço, variam muito ao longo do tempo e dos espaços.” (HAESBAERT, 2011, p. 28). Para reforçar o tópico anterior, ele elenca algumas características de como a relação com o território vai se alterando com o passar do avanço de cada civilização, em algumas épocas a escolha de uma população de um local se dava por questões climáticas visando a sua alimentação, por exemplo.

Para o autor, o território seria algo para além do físico. Considera o pertencimento, seus iguais, questões sociais e financeiras. A noção de território para esta pesquisa é importante para entendermos a relação que os torcedores estabelecem com o espaço, com o local e para a distância. No próximo tópico avançaremos para a relação de idolatria com jogadores e ex-jogadores do Internacional.

3.3 IDOLATRIA E PERTENCIMENTO

O processo de tornar um jogador ídolo para um torcedor é um tanto complexo. É quase que absurdo, por exemplo, falar que o jogador que fez o gol do título mundial do Inter em cima do Barcelona não é ídolo, apesar de sua campanha não ter sido de um craque e também por ser reserva. Adriano Gabiru, na época, era pouco conhecido pela torcida colorada, mas hoje é conhecido como o jogador que fez o gol da final. Obviamente, são muitos os contextos que o levam a ser colocado nesta posição de ídolo: a magia de sair e entrar no lugar do maior ídolo (o Fernandão), a assistência do Iarley para o gol e o fato de fazer o gol mais importante da história do clube. Será para sempre lembrado pelo feito. Dito

isso, para tratarmos sobre isso, nos apoiaremos em Ronaldo Helal, que trabalha com idolatria e cultura desde 1998.

Mais uma vez, a mídia tem um papel fundamental para ditar os rumos de uma trajetória futebolística. Seleccionam o que vai para o público. O jornalismo esportivo permite que determinadas figuras sejam elogiadas para dar ênfase a conquistas e campanhas. No caso do futebol, Helal (2003), reforça que jogadores com características de determinação acabam por ser condenados pelos cronistas.

Esforço e determinação como elementos fundamentais para se alcançar êxito são, muitas vezes, relegados a um plano secundário nos discursos dos cronistas brasileiros inseridos nos universos das artes e dos esportes. No caso específico do futebol, chega a ser até uma crítica contundente chamar um jogador de “esforçado”. Esta é uma maneira de se dizer que o sujeito não tem talento, porém se esforça. A forma oposta seria o talento puro, genuíno, inato, que não precisa de treino ou esforço para ser aprimorado, como se não fosse possível ser talentoso e esforçado ao mesmo tempo (HELAL, 2003, pp. 20-21).

O mito do jogador de futebol, craque por natureza, se sobressai quando conhecemos um jogador determinado, que ascendeu com base no seu esforço. No texto, o autor faz comparações de dois casos baseados na midiaticização dos casos: Zico e Romário. Ainda, o autor reforça, que no caso de Zico, o jogador esforçado e determinado, é idolatrado porque existe nele outras características que também são valorizadas, como a honestidade. Já na outra análise do autor, quando parte do objeto das biografias de Romário, aqui está o herói típico do nosso país. Como o autor cita, os termos utilizados pela mídia evocam aquilo que é nosso, do país que “joga bonito”.

No entanto, sob forte pressão da mídia e de torcedores e devido aos resultados pouco convincentes da seleção, Parreira decide convocá-lo para a partida contra o Uruguai. Romário retorna, desta feita, com a missão de salvar a seleção de uma possível eliminação. Monta-se, assim, o palco para uma trajetória pontuada por lances que nos remetem, por um lado, à saga clássica do herói e, por outro, ao “tipo ideal” de herói brasileiro (HELAL, 2003, p. 27).

Sendo assim, a construção de um ídolo pode ser dar de diversas formas. A rebeldia muitas vezes é vista como positiva. É pontuada como um desejo de mudar o curso da história. Na ocasião, o autor ressalta que o noticiário da época “se voltava para Romário dividindo-se em relatos de seu temperamento rebelde e de sua consciência da missão que lhe era atribuída: ganhar a Copa” (HELAL, 2003, p.31). Mostrar constantemente para o torcedor o desejo de vencer, mesmo que custe uma briga com alguém, coloca este jogador como alguém que vai às “vias de fato” pelo clube. Além disso, ele era visto como um jogador difícil de ser domado.

Por conseguinte, as manchetes reforçam a personalidade do jogador que viria a trazer o tetra para o Brasil. Um jogador duro de lidar, mas que tem a malandragem brasileira. O jogador, que não teria receio em dizer nada, seria aquele que conquistaria mais uma glória ao Brasil. Faria mais uma vez com que o país fosse reconhecido pelo futebol típico nosso. Conforme explica Helal (2003) “A origem humilde somada à “fala cheia de gírias” conferem o caráter de brasilidade ao herói. Na edição “midiatizada” evidencia-se ainda um discurso do futebol como metáfora da nação bem como da junção do indivíduo com o coletivo” (HELAL, 2003, p. 32). Apesar de antagônicas, os dois casos elencam um herói do futebol. Um com características mais ligadas a disciplina e o outro ao jogador malandro, sejam estas características percebidas dentro ou fora de campo. Outro ponto reforçado pela pesquisa, é a força da imprensa em construir essas narrativas.

Roberto Damatta (1986) trabalha com as diferentes forças que atuam sobre um indivíduo no que se refere à casa e à rua, em *O que faz o Brasil, Brasil*. Ele configura a rua como “um lugar de movimento em contraste com a calma e tranquilidade da casa, lar e moradia” (DAMATTA, 1986, p. 16). E complementa, explicando o fato dos membros de cada família ter “limites definidos”. Por fim, revisita a problemática das tradições e ritos que acabam se exercendo pelos mesmos. Mas ao empregar o termo “casa” o autor reforça que é aquilo para além da construção física:

Uma dimensão da vida social permeada de valores e de realidades múltiplas. Coisas que vêm do passado e objetos que estão no presente, pessoas que estão saindo deste mundo e pessoas que a ele estão chegando, gente que está relacionada ao lar desde muito tempo e gente que se conhece de agora. Não se trata de um lugar físico, mas de um lugar moral: esfera onde nos realizamos basicamente como seres humanos que têm um corpo físico, e também uma dimensão moral e social (DAMATTA, 1986, pp. 16-17).

Neste ponto, o autor explica que seríamos únicos e insubstituíveis. Apesar de criações diferentes, contextos sociais que os diferem, ao estarem em um local, que pode ser simbólico, onde forças são exercidas sobre eles, e que há estes limites definidos, como pontuado pelo autor, os torcedores de um clube podem também se configurar com uma espécie de família. E apesar do estádio, as suas casas, como eles mesmo chamam, a calma pode ser encontrada no meio do caos e da euforia. Alguns tratos por eles são firmados, por cada torcida: saber seus cantos, conhecer sua história, saber seu hino, idolatrar seu símbolo e amar a instituição acima de tudo.

Em *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Damatta (1997) também discorre sobre viver na rua e na casa. O carnaval une essas duas

esferas. Algumas torcidas de clubes brasileiros tem na sua essência também o carnaval, como é o caso da Mancha Verde, a organizada do Palmeiras, que é de onde nasce uma escola de samba²⁷. No Internacional, as torcidas organizadas surgem com uma figura importante do samba, Vicente Rao²⁸. É ele quem criou, em 1940, junto a outros torcedores, o Departamento de Cooperação e Propaganda, a primeira torcida organizada do Inter. Ali, cânticos nascidos de marchinhas de carnaval se materializam. Os Eucaliptos²⁹ formam uma grande escola de samba. O torcer seria então também algo próximo ao carnaval para Damatta (1997, p. 111) “em outras palavras, carnavalizar é formar triângulos, é relacionar pessoas, categorias e ações sociais que normalmente estariam soterradas sob o peso da moralidade sustentada pelo estado”.

Os estádios são “lugares sagrados” para seus clubes e torcedores. Para eles, inúmeras coisas são levadas em conta em dia de jogo, a exemplo da camisa que escolhem para determinado jogo — a famosa superstição —, o horário que chegam no local, a logística da saída do trabalho, e a cadeira específica, posição no estádio em que todos os jogos assistem. Além disso, no futebol, em partidas de mata-mata (se não ganhar, não passa para a próxima fase), ter seu mando de campo para o jogo da decisão é um alento aos torcedores. Muitos se agarram à teoria de que “em casa decidimos a partida e a classificação é nossa”. E por isso, muitos torcedores desejam estar presentes nestes momentos de decisão dentro do estádio. Mas como colocar dentro de um estádio 129 mil sócios torcedores, além daqueles que torcem, mas não se associam, em um estádio com capacidade de apenas 50.842 lugares?³⁰

3.4 PASSADO VIVIDO NO PRESENTE

O jornalismo tem um papel fundamental para a construção da memória, como pontuam Antonio Jorge Soares, Ronald Helal e Marco Antonio Santoro no artigo *Futebol, imprensa e memória* (2004). É por meio dele que os acontecimentos do dia a dia ficam marcados. Com o futebol não é diferente. Grandes jogos, construções de estádios e situações

²⁷ Mancha Verde foi vice-campeã do carnaval de São Paulo em 2023.

²⁸ Vicente Rao foi Rei Momo de Porto Alegre por 22 anos. É ele que leva o carnaval da cidade para dentro do estádio e cria a primeira organizada da história do clube. O estádio recebia bumbos e surdos, além de confetes. Era samba dentro do estádio. Disponível em

<https://internacional.com.br/noticias/conheca-a-historia-de-vice-rao-torcedor-simbolo-da-essencia-popular-colorada-e-que-completaria-112-anos>

²⁹ Estádio do Inter na época onde surge a primeira torcida.

³⁰ Disponível em:

<https://ge.globo.com/rs/futebol/times/internacional/noticia/2023/08/08/inter-quebra-recorde-de-publico-do-novo-beira-rio-em-jogo-contra-o-river-na-libertadores.ghtml>

envolvendo o esporte ficaram registrados em manchetes de jornais impressos — quando ainda falávamos da existência escassa ou nula do jornalismo digital.

O jornalismo esportivo, em sua maioria durante os campeonatos, trabalha com análise de jogos: as estratégias utilizadas pelos times, quantos jogos as equipes se enfrentaram, se o melhor aproveitamento da equipe contra o time em questão é em casa ou fora, e obviamente, as coincidências das partidas, que muitas vezes são encaradas pelos torcedores ou até mesmo pela própria imprensa como uma mística. Assim, os autores pontuam que este tipo de estratégia liga o presente ao passado “fornecendo elos identitários e geracionais, apresentando o esporte como um ‘drama’ que coloca a identidade em permanente tensão”. (SOARES, HELAL, SANTORO, 2004, p. 63) Por isso, há sempre uma mística singular para partidas quando qualquer clube de qualquer lugar do país se enfrenta, graças muitas vezes ao jornalismo. (SOARES, HELAL, SANTORO, 2004, p. 63).

Nesta mesma linha, durante análise comparativa entre as duas Copas do Mundo, de 1950 e 1970, o pesquisador Arno Vogel relaciona o sentimento dos torcedores durante os dois mundiais. Além disso, o autor ressalta o papel da imprensa e toda a aura política envolvendo as finais da época. No trabalho, Vogel (1982) ressalta as sensações antagônicas dos torcedores vividas a partir dos resultados. Ademais, há a memória do Mundial de 1950, perpassando o Mundial de 1970. Qualquer torcedor, por mais confiante que estivesse, acabava relembrando a “tragédia no Maracanã”³¹, como o autor ressalta, para falar sobre o presente. Por isso, discorremos a seguir sobre estes sentimentos vividos.

O esporte em sua maioria mexe com o sentimento de entusiastas. O futebol é ainda mais empolgante neste sentido. “De modo geral, os latino-americanos são passionais quando se trata de futebol. Através dele, os uruguaios, argentinos e brasileiros conseguiram os seus primeiros momentos de afirmação diante dos europeus que lhes tinham ensinado o jogo.” (VOGEL, 1982, p. 82). Na pesquisa do autor, palavras como sofrimento, vexame, tragédia, fracasso, vergonha, assim como honra, respeito, fama, fibra, virilidade, garra, sangue e raça apareciam constantemente. E por que, depois de tanta ciência e de técnicas envolvidas para aperfeiçoamento do futebol, os torcedores ainda justificam suas derrotas e vitórias com estas palavras?

Para os torcedores em questão, a postura dos jogadores era o motivo para que o resultado se justificasse. Os termos “catimba” e “máscara” aparecem no texto para

³¹ Este jogo ficou conhecido como Maracanaço, foi o jogo que decidiu a Copa de 1950. O Brasil recebia o torneio, com o estádio recém construído para receber o Mundial. A final foi entre Brasil e Uruguai, os brasileiros perderam o jogo por 2 a 1, de virada nos últimos minutos.

exemplificar as posturas destes jogadores. Vogel pontua que a catimba se aplica àqueles jogadores que têm raça, vontade de vencer, imposição e determinação. Em contrapartida, quando ele cita o termo máscara, são questões contrárias à catimba, são a “displicência e covardia”. Além disso, a derrota daquela Seleção Brasileira para o Uruguai se deve à falta de humildade (VOGEL, 1982).

Por causa dela, se subverteu a ordem do rito, transformando-o em uma formalidade confirmatória. A prova pela qual se tinha de passar ficou desqualificada por essa atitude. Os heróis foram proclamados e cultuados antes da batalha, venceram sem ter demonstrado seu valor (VOGEL, 1982, p. 97)

A máscara é precisamente isto. Ostentar uma qualidade ou posição à qual não se tem direito. “O mascarado é um presunçoso, alguém que se ilude a respeito das próprias virtudes ou qualificações. É também o sujeito que faz tanto alarde do que tem, ou do que é, a ponto de esquecer a posição do outro, menosprezando-a ou desconhecendo-a simplesmente” (VOGEL, 1982, p. 98). Vogel ensaia explicar a sociedade brasileira através do exemplo do futebol. Ele pontua que “a máscara é uma combinação peculiar de pretensão e desrespeito. A humildade é uma virtude altamente valorizada dentro do ethos brasileiro, que nesse ponto, parece estar em consonância com tudo que sabemos das sociedades mediterrâneas.” (VOGEL, 1982, p.98).

Apesar de, em *Memória, esquecimento e silêncio*, Michael Pollak (1989) trabalhar com o rememorar de eventos traumáticos que dizem respeito a guerras e genocídios, a forma com que ele descreve o ato de rememorar e os agentes sociais de tal, facilmente pode ser aplicado a este trabalho também. Isso porque convém dizer que em certas situações dar ou não o enfoque a alguma coisa também é dizer algo, também é rememorar. O silêncio, como reforça Pollak (1989), exerce uma função importante.

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado (POLLAK, 1989, p. 6).

Para o autor há ainda outro ponto a ser reforçado. Como colocado anteriormente, ele trabalha com a memória de vítimas de genocídios e refugiados. Para este trabalho, procuramos lidar com o “não dito” de histórias de arquibancadas, ou até a memória de um clube, que muitas vezes é apagada ou esquecida por diversas situações. Os torcedores fazem com excelência rememorar histórias positivas e até mesmo as não tão boas, que são alteradas ou deixadas de lado com o passar do tempo. Sendo, então, “assim também, há uma

permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos.” (POLLAK, 1989, p. 9).

No mesmo sentido, para Berger e Luckmann (1985) nós não estaríamos condicionados a nada naturalmente. Somos o que somos a partir do que nos é ensinado e compreendido do mundo. Para os autores, nossa família reproduz o que aprendeu, o que seria uma realidade objetiva. A partir do momento que isso é aprendido e elaborado por aquela criança, ocorre a internalização e a realidade subjetiva. A memória é uma seleção de reconstrução do passado feita por ações do presente. Se enriquece as histórias contadas de geração em geração, aquelas também para convencer os filhos e filhas, sobrinhos e sobrinhas, netos e netas, para torcer para o seu time. Para seguir a tradição.

Discorreremos sobre consulado, mobilização dos torcedores, sobre como os torcedores rememoram as conquistas importantes e as alterações dadas conforme o passar dos anos. Também falamos sobre idolatria e a importância da mídia no processo de criação destas figuras como ídolos. Este capítulo guiou a produção das entrevistas, bem como a análise do conteúdo extraído.

4. METODOLOGIA

Nosso problema de pesquisa neste trabalho é junto dos torcedores buscar os sentidos acionados quando torcem pelo Sport Club Internacional. Nas primeiras organizações da pesquisa, era do nosso interesse acompanhar alguns jogos com estes torcedores. Por conta de dificuldades encontradas com divisões entre estudo e trabalho decidimos por apenas conversas com eles em entrevistas. Durante as conversas muitos elementos foram acionados, carregados de emoção, incertezas, carinho e orgulho. Um elemento em comum, a paixão pelo clube, diante de histórias, vivências e intensidade deste relacionamento bem distintas uma da outra em cada entrevista.

Este capítulo está dividido em quatro partes. Na primeira explicamos o recorte e as escolhas das fontes para as entrevistas. Já no segundo tópico descrevemos como realizamos as entrevistas e as dificuldades encontradas ao longo do caminho. Na terceira parte, explicamos o método de decupagem e análise das nossas entrevistas. Na última as categorias desenvolvidas que dão sustentação ao nosso capítulo da análise.

4.1 RECORTE EMPÍRICO

Para a construção deste trabalho conversamos com três torcedores do Internacional que atualmente residem em Santa Maria. Os entrevistados foram selecionados por proximidade, já os conhecia e tinha um relacionamento com pelo menos dois deles, um por conta de relações de trabalho e o outro pelo relacionamento com o próprio clube — já nos conhecíamos e acabamos indo a alguns jogos do time nas mesmas excursões. A terceira entrevistada foi indicada para a pesquisa por colega do local que trabalho. Todos os entrevistados consentiram em participar da pesquisa.

No primeiro momento, havia o desejo de conversar com outro torcedor, que acabou não sendo entrevistado. Um dos motivos foi porque ele não trabalhava nem estudava Comunicação, o que poderia impactar de outra forma nas respostas da pesquisa. A terceira entrevistada seria uma mulher, também da área da Comunicação, que foi indicada. Esta também não foi entrevistada. A partir disto, outra mulher foi convidada para realizar a entrevista. A entrevista com ela e com o primeiro entrevistado foram realizadas. Neste momento, a partir do que também era trazido nas entrevistas, percebemos que poderíamos fazer o recorte para profissionais e estudantes de comunicação. A última entrevistada foi convidada também por indicação de colegas.

Além disso, as idades não foram delimitadas. Nosso entrevistado 1 estava com 62 anos no momento da entrevista, a entrevistada 2, 22 anos, e a terceira entrevistada, 25 anos. Ficamos com um recorte de três entrevistas, um homem, duas mulheres e todos da área da Comunicação. Para a construção da pesquisa, eles deveriam ter ido assistir a uma partida pelo menos uma vez no Estádio Beira-Rio.

Não acabamos por deduzir as questões aparecidas a nível macro tendo em vista a quantidade de entrevistados e recorte de idades. Para isso, seria necessária uma amostragem maior e mais diversificada. Uma das vantagens da entrevista com um corpus menor é a singularidade de cada conversa e como podemos desenvolvê-la de várias maneiras. No entanto, uma das desvantagens é que os padrões não podem ser levados em conta para generalizar determinadas situações, o que não é o objetivo desta pesquisa também.

Tabela 1 - características dos entrevistados.

Identificação	Idade	Sexo	Profissão	Última vez que esteve no Beira-Rio
Entrevistado 1	62 anos	Masculino	Comentarista esportivo e turismólogo	25 de julho de 1976 (Jogo válido pelo Campeonato Gaúcho - Inter x Grêmio)
Entrevistada 2	22 anos	Feminino	Mestranda em Comunicação	4 de outubro de 2023 (Semifinal da Libertadores - Inter x Fluminense)
Entrevistada 3	25 anos	Feminino	Estudante de Publicidade e Propaganda	8 de outubro de 2023 (Jogo válido pela 26ª rodada do Brasileirão - Inter x Grêmio)

Fonte: A autora (2023).

4.2 ENTREVISTAS

A seleção dos entrevistados é um ponto importante para a construção de uma pesquisa e algumas coisas devem ser levadas em conta. “Para selecionar pessoas a serem entrevistadas ou documentos para uma pesquisa qualitativa, escolhemos indivíduos e fontes de acordo com critérios externos: estratos sociais, funções e categorias” (BAUER e GASKELL, 2002). Desta forma, delimitamos nossos três entrevistados como torcedores que já vivenciaram um jogo dentro do estádio e que estariam envolvidos em trabalhos e estudos em Comunicação.

Como já tinha o contato e proximidade com os dois primeiros entrevistados, convidei-os para as entrevistas por meio do WhatsApp. Expliquei o tema da pesquisa e marcamos as datas. O primeiro ficou marcado para a mesma semana que conversamos, no dia

3 de novembro de 2023, de forma presencial. O desejo era de que todas as entrevistas fossem realizadas presencialmente, contudo, apenas a primeira acabou sendo realizada desta forma. Por conta de demandas acadêmicas e agendas de trabalho, resolvemos marcar a segunda entrevista de forma online, para o dia 18 de novembro de 2023, por uma sala no *Google Meet*. Assim também foi com a terceira entrevistada, no dia 22 de novembro de 2023. Todas foram gravadas.

Por conta dos objetivos desta pesquisa, a utilização de entrevistas foi pensada tendo em vista que “entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (DUARTE, 2004, p. 215). Para entender os significados que os torcedores dão apoiando o time à distância, seria fundamental conversar com eles.

Antes de ir a campo, realizamos a produção das perguntas. Como já pontuado anteriormente, separamos elas em eixos temáticos, que guiam o capítulo de análise. São eles: sentimentos sobre o torcer, torcer distante do Beira-Rio, relacionamento com o time e seus ídolos e se informar sobre o clube.

Tabela 2 - questionamentos das entrevistas.

Categoria	Questões
Torcer e o sentimento	Como se tornou um torcedor Colorado e o que sente sendo um O que vem a cabeça quando perguntando sobre o clube
Torcida distante do Beira-Rio	Como costuma acompanhar os jogos do clube Com que frequência vai ao estádio e como funciona a tua rotina nestes dias Qual a diferença de assistir a um jogo no Beira-Rio e distante dele
Relacionamento com ídolos e time atual	O que faz um time ser favorito em uma partida de futebol O que torna um jogador ídolo e quais as características dele
Informações sobre o clube	Se é sócio, desde quando e por que Como se informa sobre o clube

Fonte: A autora (2023).

As entrevistas tinham como guia o sentimento e torcer longe do estádio e os entrevistados foram livres para me relatarem suas histórias. Conforme a conversa fluía, algumas delas acabam por serem respondidas naturalmente, outras eu intervia para que

fossem respondidas. “É fundamental colocar tempo e esforço na construção de um tópico guia, e é provável que se tenha de fazer várias tentativas. Em sua essência, ele é planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa.” (BAUER e GASKELL, 2002, p.66).

Além disso, elementos poderiam ser trazidos sem haver a intervenção. Contudo, deve-se sentir o que determinado entrevistado está disposto ou não a falar.

O entrevistador deve usar sua imaginação social científica para perceber quando temas considerados importantes e que não poderiam estar presentes em um planejamento ou expectativa anterior, aparecerem na discussão. Isto deve levar a modificação do guia para subsequentes entrevistas. Do mesmo modo, à medida que uma série de entrevistas for acontecendo, alguns tópicos que estavam anteriormente na fase de planejamento, considerados centrais, podem se tornar desinteressantes, até mesmo devido a razões teóricas, ou porque os entrevistados tem pouca coisa ou nada a dizer sobre eles (BAUER e GASKELL, 2002, p.67)

No tópico a seguir discorreremos sobre a análise e tratamento de dados da pesquisa.

4.3 ANÁLISE DO DISCURSO

Para a análise das entrevistas realizadas utilizamos a Análise do Discurso (AD). Entendemos que o discurso leva em consideração o que o sujeito demonstra, seja de forma falada ou não. Além disso, o discurso é carregado de contexto e também de ideologia. No olhar para estes dados retirados com o AD buscamos sempre valorizar que o sentir e torcer está além também daquilo que é dito. A AD, sendo assim:

Não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2005, p.15)

O discurso é muito além do dito. Está também no não-dito, no que já foi dito, no que se interpreta naquilo que é dito e naquilo que não foi dito. E Foucault pontua isso quando discorre:

O discurso como a psicanálise nos mostrou não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que isto a história não cessa de nos ensinar o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996)

Sobre o tratamento dos dados, depois que as entrevistas foram realizadas, transcrevemos todas elas. A entrevista 1 gerou 10 páginas de decupagem, a entrevista 2 e 3 geraram 9 páginas de documento cada. Para saber o que seria utilizado para a pesquisa fizemos uma primeira leitura e marcações gerais. Como as entrevistas já foram realizadas em tópicos guias, utilizamos das temáticas para a realização dos tópicos do capítulo de análise.

Depois desta primeira leitura, separamos em blocos por sequências discursivas. Assim, marcamos o texto em categorias indicadas por legendas. Em cada sequência discursiva, diversas categorias aparecem. As marcações visuais facilitaram a busca dos tópicos que aparecem com mais frequência em cada entrevista, o que era mais evidenciado em cada entrevista e o que é comum entre elas. Também auxiliam na leitura mais atenciosa para utilização na análise. No caso do exemplo a seguir, o entrevistado faz uma relação da torcida do passado (em vermelho) com a torcida no presente (azul). Além disso, ele relata o sentimento de ir ao estádio (cinza) e como percebia o time naquele momento (laranja).

Figura 1 - método de análise dos dados coletados.

E01S05 Tu criavam uma imaginação como o time tá jogando como é que é. E era mais difícil tu torcer naquela época. Era mais difícil porque tu, além de tu tá longe do time, a distância física, tu tava longe em visão, então tu torcia pelo que tu ouvia. Hoje ficou mais fácil, eu vejo assim. É porque hoje o acesso a TV ou na Internet tu vê em tempo real. Hoje é como estar lá dentro do estádio. Logicamente que o estádio tem uma aura diferente, tu começa a ver o clima ali.

E01S06 O último jogo que eu fui ver do Inter foi um GreNal, né? Na época que o Inter tava muito bem né. Nós tínhamos Manga, Figueroa, Marinho, Cláudio 2 a 0 pro Inter no primeiro tempo. Um banho de bola. Deu uma chuvarada no intervalo e foi que salvou o Grêmio, né? Depois disso eu não voltei mais no Beira-Rio.

Fonte: A autora (2023).

4.4 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Como já adiantado, para análise utilizamos sequências discursivas e fizemos marcações visuais para agrupamento do que estava sendo relatado. Antes de ir a campo, os tópicos de análise já haviam sido esboçados, mas a partir do tratamento das entrevistas eles foram definidos e dão sustento à análise desta pesquisa.

Brevemente, o que foi encontrado com frequência nos relatos tinha a ver com as vivências passadas destes torcedores. As entrevistas foram atos de rememorar a cada sequência. E alguns motivos foram percebidos: primeiro por conta do tema da pesquisa, que já ativa memórias dos entrevistados; e segundo porque o sentimento de torcer também está atrelado a nostalgia e memória de grandes conquistas, grandes ídolos e histórias vividas junto ao clube. No fim das contas, lembrar as vivências e imaginar que o possam acontecer novamente são as motivações para torcer e continuar acompanhando o clube. No próximo capítulo elencamos quais os sentidos dados pelos torcedores entrevistados de ser um colorado que vive o clube longe do Estádio Beira-Rio.

5. OS SENTIDOS DE SER DO INTER

A partir da teoria e da construção e realização das entrevistas, bem como do tratamento de dados delas, partimos para a análise do que foi coletado. Cada entrevista foi singular, pelo tempo, pela forma como foi realizada e também pelo contexto em que foi feita. Como os entrevistados se relacionam com o clube e com a informação recebida dele também é único. Este capítulo está organizado em quatro tópicos que até então guiaram também nossa parte teórica. Como já explicado anteriormente, as entrevistas foram organizadas por eixos temáticos, que resultam também na construção dos tópicos que constituem este capítulo: sentimento de ser um torcedor, frequência e emoções da presença no estádio, relação com ídolos e jogadores e o relacionamento com o clube.

No primeiro tópico analisamos o início do relacionamento com o Inter de cada um deles e o sentido que eles dão para a paixão. Neste tópico alguns pontos são percebidos - como a intensidade, o sentido que dão para a torcida, a distância e também as mudanças nas percepções sobre o clube ao longo dos anos. A socialização com outras pessoas que também torcem nos diferentes momentos da vida é algo trazido ao longo desta parte. E o papel da família, do início da contextualização da vida, onde já se sabe para quem torce, mas ainda não se sabe o porquê torce. Já no segundo tópico, observamos a relação dos torcedores quando falam sobre suas idas ao estádio. Relembramos a última vez que estiveram no Beira-Rio e qual o sentimento de estarem lá. Identificamos que o principal ponto reforçado novamente por estes torcedores é a companhia. Para além de estar no estádio acompanhando seu clube, importa também com quem foram ou em quem pensam quando estão lá. E se não se fazem mais presentes, quais os motivos são levados em consideração para não retornarem mais ao Beira-Rio.

No terceiro tópico, relembramos conquistas do clube e quem são os atores principais delas. Para os torcedores, a personalidade, além do título, também é um fator levado em conta para tornar um jogador ídolo do clube. E mais uma vez, conversas entre familiares e amigos são rememoradas e pontuadas quando questionados sobre. No quarto e último ponto da análise elencamos o que foi trazido pelos entrevistados sobre o relacionamento com as informações do clube. Por onde se informam, como acompanham as notícias sobre os jogos e como criam essas relações com a instituição por meio das redes sociais, visando principalmente entender como esta ligação se estabelece para além da presencialidade.

5.1 COR DO SENTIMENTO

O primeiro entrevistado iniciou sua torcida pelo clube em 1970, conforme o próprio explica. À época o Internacional era considerado um dos melhores times do país visto suas conquistas recentes e sua ascensão no futebol nacional. Foram três campeonatos brasileiros quase que em sequência: campeão em 1975, 1976 e 1979. A história institucional disponível no site do clube elenca que o estádio recém-construído foi “palco de uma época dourada no Clube do Povo” (INTERNACIONAL, 2023). O último título da época, que também foi o último da competição conquistado pelo clube, foi de forma invicta: o time não perdeu naquele campeonato brasileiro de 1979³². E o sentimento de iniciar sua torcida no período ativa memórias neste entrevistado de como se estivesse comprando e fazendo um investimento às cegas. Segundo ele, torcer na época era apenas comprar o que os narradores falavam durante as jornadas. Para ele, torcer na atualidade ficou mais fácil:

Tu criava uma imaginação de como o time tá jogando. E era mais difícil torcer naquela época. Era mais difícil porque além de longe do time, a distância física, tu tava longe em visão, então tu torcia pelo que tu ouvia. **Hoje ficou mais fácil, eu vejo assim. Porque hoje o acesso a TV ou na Internet tu vê em tempo real. Hoje é como estar lá dentro do estádio. Logicamente que o estádio tem uma aura diferente.** (ENTREVISTADO 1, 62 anos.)

Quando questionado sobre o ser colorado, nosso entrevistado explica que o futebol é sazonal, que a sua geração é colorada por pegar “a fase boa do Inter”. Este ponto aparece nas outras duas entrevistas realizadas, quando se constrói um laço entre familiares e amigos da mesma idade e que também torcem para o mesmo clube. Além disso, o fato de estar distante do estádio faz com que o sentimento, para ele, “tenha um charme a mais”. No primeiro momento nosso entrevistado já reforça que para ele nada muda ser torcedor e não frequentar o estádio, apenas o fato de receber imagens editadas e o “produto” vendido por outras pessoas, os narradores.

Ser colorado ou gremista é decidido logo na infância de muitos dos gaúchos. E isso é pontuado pelos três entrevistados: “O gaúcho é colorado ou gremista. A gente não tem um terceiro. E talvez por isso e só por isso os dois times são grandes. Essa disputa acirrada dos dois times faz os dois serem grandes e a gente tem que ter orgulho disso.” (ENTREVISTADO 1, 62 anos). Desde 1909, a rivalidade existe. O Internacional só nasceu por conta do seu rival.

³² É importante frisar que na época destes títulos o modelo do campeonato era por mata-mata. A partir de 2003, depois de algumas mudanças anteriores do campeonato, foi que ele passou a se tornar aquele que conhecemos hoje, o campeonato brasileiro de pontos corridos.

A nossa entrevistada 2 viveu desde pequena rodeada pela família por parte de pai com torcedores colorados. Ela classifica sua família como “colorados malucos”. Logo de início na nossa conversa, ela conta uma história de quando um primo, aos 14 anos, foi viajar com outros tios. Ele voltou para casa com o símbolo do Inter tatuado nas costas. Anos depois, foi a sua vez de ir viajar com estes tios e ela achou que chegaria a sua vez para também ter a tatuagem. Nossa torcedora entende o início do sentimento como algo mais restrito às relações de infância. No caso do relato dela, o fato de depois ter se afastado um pouco do esporte pode ser evidenciado, o início da paixão se devia pela validação entre amigos do colégio e família, para além do acompanhar, assistir aos jogos, ela era colorada porque precisava ter um time. Quando cresce, outra característica é evidenciada: a companhia de amigos e família é fundamental para aflorar esse amor. Ela reforça a questão do Rio Grande do Sul por ter morado em Brasília durante um período:

Eu não lembro quando eu comecei a torcer, mas eu acho que mudei muito a minha relação com o time, com o clube, com a torcida, ao longo dos anos. Até porque **quando eu era criança era uma coisa muito mais familiar, de colégio, de validades dentro da turma, sempre foi uma coisa assim no Rio Grande do Sul** (ENTREVISTADA 2, 22 anos).

Arno Vogel (1982), pontua que no nosso país algumas coisas já são determinadas quando nascemos, como o nosso nome, a religião e o clube de futebol para qual torcemos. E para nossa entrevistada de fato isso aconteceu. Mas o relacionamento foi se alterando conforme foram passando os anos, novos interesses surgiram e o futebol não ficou entre eles. Além disso, na visão de nossa entrevistada 2, ser torcedora fica mais fácil quando se é adulta. Neste ponto é possível identificar como, apesar de torcedores desde novos, o sentimento se altera com o passar dos tempos. O fato de torcer distante do estádio deve ser um influenciador, em caso de não ter outros motivadores, para que este sentimento se apague:

Acho que eu como um adulto é mais fácil ter mais condições de acompanhar, de ir ao bar. Tem uma socialização do futebol que é diferente de quando tu é criança, ir em bar assistir jogo, ir no estádio assistir jogo. **Acho que é uma forma mais fácil de fazer amigos, é uma sensação de pertencimento quando se é adulto.** Mas não lembro realmente quando eu me dei conta de que eu era colorada. Até porque nunca houve outra opção. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Quando ela cita não ter outra opção a não ser torcer para o Inter ela interage com uma fala do nosso entrevistado 1, onde para ele não há uma terceira força, ou se é colorado ou gremista. Na condição da entrevistada 2, era ser colorada pelo incentivo da família de

“torcedores malucos”, como ela reforça. Nossa entrevistada 3 também nutriu o sentimento de ser colorada pela família. Ela explica que quando menor costumava participar das carreatas na cidade que morava, Cachoeira do Sul. Este processo, para Berger e Luckmann (1985) é compreendido como interiorização e faz parte do processo de socialização do indivíduo. A partir do momento que percebe e se coloca na realidade do mundo, depois disso, começa a se identificar com as várias sociedades possíveis. Quando cresceu o interesse começou a mudar e parou de acompanhar tanto o clube. O fato do pai ter parado de assistir todos os jogos foi um dos outros motivos que fez com que parasse de acompanhar com frequência. Ela também conta que não tem um relacionamento tão forte com o clube. Gosta de assistir aos jogos e de estar entre os amigos.

Quando o time costumava ganhar os títulos, tinham as carreatas e a gente ia. Eu lembro que a gente ia em tudo e eu adorava. Eu era muito mais envolvida, tinha várias camisetas e pôsteres pela casa, no meu quarto. Aí entrei na fase adolescência, ali eu comecei a meio que largar um pouco assim. Não assistia aos jogos, não acompanhava muito. E até o início deste ano, o meu círculo de amizades era todo gremista e eu não tinha tipo companhia para ir assistir ao jogo ou tipo as pessoas na minha volta, ninguém assistia aos jogos do Inter e isso me desmotivou. O pai também não acompanha, não assiste todos os jogos e então eu acabei meio que indo na onda (ENTREVISTADA 3, 25 anos).

Como já pontuado por Soares, Helal, Santoro (2004), a imprensa também é fundamental neste processo de se orgulhar pelo seu clube a partir do momento que rememora antes de partidas importantes grandes feitos do clube. Além disso, o fato de ver o clube ser campeão, levantando taças, foi determinante para que estes torcedores escolhessem a cor vermelha para defender, vestir e se orgulhar. E a palavra orgulho aparece com frequência nos diálogos. Às vezes ela não é dita, mas o olhar entrega:

E como eu fui criado numa geração em que vi o meu time ser multicampeão, eu vi figuras históricas e como Manga, Figueroa, Falcão, Lula, Carpegiani, né? [...] **É, eu me sinto privilegiado de ser colorado, de hoje chegar e conseguir ver meu time ser campeão de quase tudo, né?** (ENTREVISTADO 1, 62 anos)

E também verbaliza o orgulho. O sentimento aflora quando rememora as grandes conquistas:

É, eu me sinto privilegiado de ser Colorado, né de hoje chegar e conseguir ver meu time ser campeão de quase tudo, né? Eu vi esse campeão do Brasil que é o único título invicto do Brasil que é ser tri campeão brasileiro. Campeão da Copa do Brasil, campeão sul-americana campeão da América campeão do mundo, né? (ENTREVISTADO 1, 62 anos)

Para além do orgulho de ser um clube campeão. O orgulho também é reforçado quando o clube acompanha na atualidade a sua história. De ser um clube diverso, de pensar no

seu torcedor e apoiar os valores da instituição. Ser um clube ultrapassa as quatro linhas do campo. E o futebol para estes também ultrapassa as linhas. É torcer para um clube que tem convicção em ser do povo, como é conhecido:

Obviamente não cogitaria ser de nenhum outro clube. Essas coisas também são apropriadas pelo clube com uma forma de mercantil, né? Primeiro mercantilizar esse título de Clube do Povo. E eu já fui em outros estádios assim, e eu vejo uma coisa assim no Beira-Rio, por exemplo, de que eu acho que a torcida do Inter é muito mais diversas, sabe? **E eu acho que até para essas políticas do próprio clube de ter ingressos baratos mesmo para jogos muito importantes e tudo mais que a gente entende que é super difícil conseguir os ingressos, mas tem.** Vai ter alguém que entrou no estádio em uma semifinal de Libertadores e que pagou 10 reais no ingresso (ENTREVISTADA 2, 22 anos).

Neste último trecho, a entrevistada reforça o slogan de “Clube do Povo”, na prática. O jogo que faz referência é Inter e Fluminense, pela semifinal da Libertadores, que ocorreu em 4 de outubro de 2023. Por ser um jogo decisivo para avançar na competição, era desejo de muitos estar no estádio naquele momento. Em 30 de setembro o clube abriu a venda de ingressos para os sócios colorados das modalidades Campeão do Mundo, Nada Vai nos Separar e Academia do Povo³³. Na ocasião, assim como em outros jogos desde que existe a modalidade, sócios que conseguiram ingresso e são da modalidade Academia do Povo, que pagam R\$10 na mensalidade mais R\$10 no ingresso para cada jogo, puderam assistir ao jogo de prestígio por um baixo valor. Os ingressos para sócios se esgotaram em 40 minutos³⁴. Muitos ficaram na fila e não conseguiram ingresso por conta da grande demanda, mas isso abordaremos mais para a frente:

Com certeza depois da reforma do Beira Rio, ele (o estádio) elitizou um pouco mais a torcida, mas acho que de forma geral é um clube que resiste ainda nesse processo de elitização dos estádios, dentro do possível. E isso para mim é uma **coisa que hoje em dia pesa muito assim nesse sentido como torcedora, como mulher.** Para mim é muito importante ver quem frequenta o estádio, como as torcidas organizadas se organizam e que ações elas promovem em relação a isso. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Aqui, novos elementos aparecem. Observar quem está presente no estádio e perceber a diversidade é algo importante para nossa entrevistada 2. Ela reforça o fato de ser mulher e externaliza o como o futebol ainda é predominantemente masculino. Além disso, estar

³³ Disponível em:

<https://internacional.com.br/noticias/servico-de-jogo-internacional-x-fluminense-semifinal-conmebol-libertadores>

³⁴ Disponível em:

<https://ge.globo.com/rs/futebol/noticia/2023/09/30/torcida-do-inter-esgota-ingressos-para-semifinal-da-libertadores-com-o-fluminense.ghtml>

presente no estádio faz com que ela se coloque como uma torcedora que mora distante da capital, e vê a infância e o feminino no estádio. Como para sua família era difícil viajar longas distâncias para assistir a um jogo com crianças, mas que agora como adulta isso é possível, e o quanto isso é valorizado por ela também para manter esse amor pelo clube. Ainda se tratando sobre orgulho, a entrevistada 2 reflete sobre se sentir orgulhosa com o clube. Para ela há duas questões importantes, e que também foram separadas no tratamento de dados desta análise: a relação que os torcedores fazem com o time que atua pelo clube no presente momento³⁵ e a instituição, a história, o clube.

Não sei se eu consigo pensar em um adjetivo. Não sei se eu me sinto orgulhosa até porque, por exemplo, no futebol tem muito a questão esportiva é **uma mistura de frustração com orgulho**, nos **últimos anos mais frustração do que alegria**. Acho que é uma mistura da questão esportiva, com a questão social do clube. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Como já ressaltado anteriormente, para ela, o real significado com a torcida tem a ver com a relação do clube com as questões sociais. Ser um clube que se identifica como o Clube do Povo e que pratica isso, como com a venda de ingressos mais baratos e uma associação também mais acessível. Em contrapartida, nosso entrevistado 1 já diz ser atualmente alguém mais despreocupado com questões de resultado do clube. E reforça o motivo, tem a ver com a sua idade:

E eu já cheguei em um estágio, aos 62 anos, que **o resultado não é importante**. Se o meu time tomar 5 (gols) lutando dentro de campo, ótimo. **O que eu quero é luta e entrega. Eu acho que me satisfaz muito isso**. Porque eu entendi que futebol é disputado. Futebol é um esporte. Alguém vai ganhar, alguém vai perder. (ENTREVISTADO 1, 62 anos)

A relação de torcer é isto, um pensamento racional misturado com seu sentimento. E mesmo ele relatando que já entende que o resultado não é o mais importante, algumas atividades são repensadas quando o time perde. Em um momento da entrevista ele relatou que quando o Inter foi eliminado da Libertadores deste ano deixou de lado a rotina por conta da decepção, e também, o mais forte, a rivalidade:

Hoje o futebol para mim se tornou um esporte que sofro, lógico, que fico triste. O dia que a gente foi eliminado na semifinal contra o Fluminense, realmente **foi difícil dormir**. Ah, no outro dia, não **subi no centro para não ouvir flauta de alguns, né? Eu não escutei os comentários esportivos**. Quando a gente ganha a gente fica feliz, a gente é assim, né? (ENTREVISTADO 1, 62 anos)

³⁵ O time varia de temporada por temporada. Contratos são rescindidos e outros são feitos. Jogadores entram e saem do clube a cada temporada. Além disso, há aqueles que acabam atuando menos, perdem a titularidade com o passar do tempo.

Mas como estes torcedores lidam com a paixão estando longe do estádio? Já foi possível adiantar que, para o entrevistado 1, a torcida no passado, apenas no rádio, era mais sofrida, mais difícil. A entrevistada 2 reforça a importância da socialização com outras pessoas para o seu envolvimento no clube. Para ela, perceber o clube envolvido em questões sociais também é importante. A nossa entrevistada 3 torcer com outras pessoas, como com a entrevistada 2, também é um fator ressaltado quando questionada sobre o sentimento. No próximo tópico abordaremos os sentidos dos nossos colorados quando vão ao Beira-Rio, mas também o sentimento de estar distante.

5.2 DA PRESENÇA NO ESTÁDIO

Em outubro 2023, a revista inglesa *FourFourTwo* elencou o clássico entre Grêmio e Internacional como o maior do Brasil. Mundialmente, a partida fica na 11^a posição. O título da matéria é *The biggest derbies in world football* de autoria de Greg Lea, como critério foram pontuados os clássicos que causam “intensidade, mal-estar e paixão”³⁶. O sentimento de rivalidade entre as duas torcidas é tão grande que dois amigos, um designer colorado e um desenvolvedor gremista, criaram um projeto chamado História do Gre-Nal³⁷. Lá eles contabilizam as vitórias, derrotas, empates, gols e marcadores dos clubes na história do embate.

Só em Santa Maria são mais de mil sócios do Inter. Em cada jogo em casa, pelo menos um transporte é oferecido aos torcedores pelo consulado, seja uma van, micro-ônibus ou ônibus. Algumas das vezes, os jogos são escolhidos por meio de listas entre os próprios participantes do grupo do consulado no WhatsApp, onde cada um registra seu nome e número de identidade para um jogo específico. Assim, quando fecha a quantidade de pessoas para lotar um ônibus e chega na semana do jogo, os integrantes do consulado organizam qual o transporte será. Dos nossos três entrevistados, apenas a entrevistada 2, de 22 anos, integra o grupo.

Os três entrevistados vivem em contextos e intensidades do seu relacionamento com o clube de formas distintas. As duas jovens foram recentemente ao estádio. Já o nosso entrevistado não retorna ao Beira-Rio há 30 anos, por questões pessoais. Garantidamente,

³⁶ Disponível em: <https://www.fourfourtwo.com/features/the-biggest-derbies-in-world-football>

³⁷ Disponível em: <https://historiadogrenal.com/>

veem no clube uma forma de dispersão da realidade, de criação de laços e reforço de valores pessoais. Torcem porque acreditam na história do clube.

A última vez que nosso entrevistado 1 esteve no Estádio Beira-Rio foi para ver um clássico Gre-Nal, em 25 de julho de 1976, jogo válido pelo Campeonato Gaúcho. Na ocasião, o time mandante saiu com dois gols de diferença logo no primeiro tempo, gols de Figueroa aos 30 minutos do 1º tempo e de Carpegiani aos 42 minutos. Apesar de distante da data, ele lembra como estava o contexto do jogo, clima do dia.

O último jogo que eu fui ver do Inter foi um Gre-Nal, né? Na época que o Inter tava muito bem né. Nós tínhamos Manga, Figueroa, Marinho, Cláudio, 2 a 0 pro Inter no primeiro tempo. Um banho de bola. Deu uma chuarada no intervalo e foi que salvou o Grêmio, né? Depois disso eu não voltei mais no Beira-Rio. Ah, faz mais de 30 anos (ENTREVISTADO 1, 62 anos).

O entrevistado elenca o jogo como “um banho de bola”, e segundo ele, apenas uma chuva intensa no intervalo do jogo foi o que salvou o rival de tomar uma goleada na volta para o segundo tempo. Naquele ano, o Internacional foi o Campeão Gaúcho. Desde lá, nosso entrevistado não retornou ao estádio. Mas aqui, rememora o feito a partir de seu contexto atual. A análise de um “banho de bola”, além de dizer sobre o time da época, diz também sobre o que ele sente do time atual do Inter.

Um dos principais motivos de não ter retornado atrelamos ao sentimental, como ele mesmo pontua. O filho, também colorado, faleceu em 2013. Os dois haviam combinado de visitar o novo Beira-Rio, reformado para a Copa do Mundo de 2014, o que não foi possível. Como conta o próprio entrevistado, o torcer e o amor ultrapassam o físico. Eles assistiram a diversos jogos importantes do clube juntos e quando não estavam juntos, se telefonaram para também viver a história de alguma maneira próximos, mesmo sem indo ao Beira-Rio também. “Nós assistimos a final da primeira Libertadores em 2006, assistimos a final de 2010, não assistimos a final do mundial, ele tava longe de mim, mas ele me ligou. Ele era colorado doente” (ENTREVISTADO 2, 62 anos).

Ainda no velório, com a bandeira do clube em cima do caixão do filho, os dois conversaram. Na entrevista, ele chama o papo de “conversa pessoal”. A outra filha escuta e fala ao pai que, mesmo sendo gremista, ela iria ao estádio com o pai e vestiria a camiseta vermelha. Mas para a “dívida” ser paga, algumas coisas precisam ser organizadas, família e amigos precisam ser reunidos. Por isso, ainda há espera. A maneira com que relata a perda do filho, com silêncio, desvio do assunto, é a sua maneira de lidar com o acontecido. Do filho, ao

falar de Inter, rememora as grandes conquistas que viram juntos. Também se emociona quando fala da relação e que não foi possível voltarem ao estádio juntos:

A minha filha que é gremista disse: eu vou junto contigo, se precisar eu uso a camisa contigo lá. Então nesses 10 anos a gente ainda não conseguiu ir junto. Já tive vários convites para ir lá, já fui a Porto Alegre. Mas como eu tenho essa dívida, eu só vou voltar no Beira-Rio a hora que eu conseguir reunir esse pessoal. Acho que tá próximo disso agora. Até já conversei com alguns amigos e a gente vai. A família e alguns amigos para lá ver. (ENTREVISTADO 2, 22 anos).

Por isso ainda acompanha o time de longe. Para ele é melhor assistir ao jogo sozinho e sem interferência de terceiros. Vogel (1982) reforça que vestir a camisa é estar presente independente do que aconteça, o pior, ou melhor, e ainda conclui “quem veste a camisa de um time, ganha ou perde com ele, sem apelação”:

Então eu acho que ser torcedor longe é tudo isso, né? É tu vibrar e tu sofrer às vezes em silêncio. Eu hoje sou um cara que procura escutar o jogo mais sozinho, né? Porque às vezes eu fico muito incomodado com aquele torcedor que é tipo um comentarista, comenta só o resultado, só o resultado que importa para ele. E eu já cheguei em um estágio que o resultado não é importante. (ENTREVISTADO 1, 62 anos)

Um dos questionamentos feitos aos três entrevistados era sobre associação. Nosso entrevistado 1 afirmou já ter sido sócio do clube durante um tempo, mas que por não frequentar mais o clube se desassociou. O motivo principal se deve ao financeiro. Para ele não compensa financeiramente pagar a associação se não frequenta o estádio mais. Caso tenha desejo de ir novamente, vale mais a pena pagar o ingresso do que a associação todo mês.

Eu fui sócio do Inter por muito tempo, comecei a ser sócio em 2011. E depois de um tempo eu acabei desassociando **porque não ia lá, não tinha porque ir lá, né? E até as prioridades que tinha na vida, nem sempre é fácil, né?** Tenho vontade de me associar de novo, com condição. Só que o que eu vejo hoje é que às vezes **fica muito caro para ti que não vai muito lá.** É preferível tu tentar comprar ingresso para quem tá do lado, é ótimo ser sócio. (ENTREVISTADO 1, 62 anos)

Um ponto relevante deste trecho é que para o nosso entrevistado a associação só compensa caso vá ao estádio com frequência e se mora próximo, o que possibilitaria ir mais vezes, mas também por um custo mais baixo e sem as longas viagens. Para ele, a associação não compensaria apenas para ter direito ao voto, por exemplo, sendo o caso de todos os sócios do Internacional atualmente.

Nossa entrevistada 2 foi ao Beira-Rio pela última vez em outubro de 2023. O Inter jogava o jogo de volta da semifinal da Libertadores, só este jogo separava ele da final, assim

como do Fluminense. Na crônica disponibilizada pelo clube, 50.0002 era o público do Beira-Rio naquela noite³⁸. E nossa entrevistada era um deles. O roteiro não poderia ser mais cruel naquele dia. O primeiro jogo terminou empatado por 2 a 2 no Rio de Janeiro e a decisão de fato seria no estádio do Internacional. Neste jogo, o Inter saiu na frente e tomou a virada no final do segundo tempo. Chegou ao fim o sonho de estar em mais uma final de Libertadores.

Para ela, estar presente naquele momento no estádio era completamente diferente de viver o momento assistindo ao jogo em casa. Damatta (1994) conclui que em um estádio de futebol, mesmo onde “atores e espectadores estão separados” são estabelecidas situações “sociais e simbólicas fundamentais”. É aquele que torce, aquele que vibra, aquele que grita para tornar seu clube vencedor, aquele segundo ele “que se confunde com seu clube”.

Quando o Inter toma o gol do Fluminense, parecia que **o estádio estava em um silêncio absoluto**, nenhuma reação. Porque primeiro que quando o Inter tomou o primeiro gol todo mundo que é Colorado já sabia, que sabe que o Inter vai fazer aquilo que faz sempre. Daí sobe uma sensação de luto assim indescritível (ENTREVISTADA 2, 22 anos).

Aqui, da mesma maneira que pontua nosso entrevistado 1, que torcer no estádio é diferente, nossa entrevistada 2 reforça. Apesar dos milhares que estavam em casa ou em bares assistindo ao jogo, estar presente no local possibilita enxergar coisas que não se vê em lugares onde não há “os nossos”, como o sentimento de indignação, explicado por ela como uma “sensação de luto”. Algo tão íntimo e praticamente impossível de ser sentido pelo outro, mas naquele momento foi experimentado por ela e que ela pôde perceber que todos aqueles outros que estavam lá estavam sentindo o mesmo. A nossa entrevistada 2, explica que para ela os diversos sentidos se afluam:

Os jogadores do Fluminense invadiram o campo, foram todos comemorar e tipo, fiquei vidrada assim nessa cena, sabe assim pensando: cara, de novo. E acho que é um pouco disso, dos sentidos serem mais explorados no estádio. **E tu consegue prestar atenção em muito mais coisas, nos outros torcedores, tu presta atenção, tu consegue ver mais coisas acontecendo.** Porque a câmera da televisão vai focar na reação de um jogador, sabe? Mas tem tantas outras coisas acontecendo que tu acaba não pegando pela televisão. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Nossa entrevistada 2 já havia assistido a outro jogo do Inter fora de casa. Por morar em Santana do Livramento durante um período, isso possibilitou assistir a Cerro Porteño e Inter durante um amistoso, em Rivera, cidade do Uruguai que faz divisa com o Brasil. À época ela havia também entrado com os jogadores em campo. Conheceu e tirou fotos com

³⁸ Disponível em:

<https://internacional.com.br/noticias/cronica-inter-x-fluminense-semifinal-conmebol-libertadores-2023>

alguns deles que hoje já não estão mais no clube. Pelo fato dos compromissos do pai, as idas ao estádio eram mais dificultosas. Quando não está no estádio, costuma assistir aos jogos “mais importantes” em bares com os amigos:

Depois eu me mudei para Santa Maria e comecei a frequentar bares. Assisti à final da Copa do Brasil em 2019 em um bar. Mas aí era mais em jogos principais, não ia em todos os jogos porque era muito cansativo. **Mas vou nos principais, os da Libertadores esse ano todos eu vi fora de casa, porque eu acho que também a Libertadores tem mais coisa de ser um jogo importante**, o clima da Libertadores, e daí eu assisto quase sempre com amigos. A gente vai assistir juntos quase sempre no mesmo bar. Os donos são colorados e eles eram meus vizinhos na época, então fiquei próximo deles. Gosto muito deles, na verdade. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Viver distante sem ter a rotina de ir para o estádio inspira mais ainda nosso entrevistado 1. Para ele, é como um relacionamento a distância, onde é preciso mais confiança naquele que está distante. Ademais, ele acredita que seu amor é mais reforçado do que daquele que vive mais próximo:

Quer dizer que quem vai ao estádio é muito mais torcedor do que quem tá fora? Não e eu acho que quem tá fora é muito mais, na verdade, porque como eu digo eu tô torcendo de longe. É como ter um relacionamento à distância. **Tu tem que confiar tu tem que ter um amor muito sublime porque não tá vendo. Tu tem que sentir a distância, né?** Então eu acho que o futebol e ser colorado é isso. É sentir a distância, um carinho, um amor, uma dedicação e uma confiança, né? É saber que lá tem pessoas que vão errar, que vão acertar, que nos decepcionam às vezes. (ENTREVISTADO 1, 62 anos).

A entrevistada 2 costuma ir com mais frequência ao Beira-Rio. Com o fortalecimento do Consulado de Santa Maria, nas mais idas ao estádio, ela acabou se tornando sócia em 2022. Ela conta que foi a partir de uma promoção para o Dia Internacional da Mulher, com ingresso de graça para sócias coloradas, que ela se associou³⁹. O jogo, no entanto, não foi muito positivo para o lado colorado, que perdeu para o Grêmio por 3 a 0. Desde lá, costuma se organizar para as idas ao estádio com o Consulado. Aqui, fica evidenciado a importância do papel dos consulados para que aquele torcedor distante do estádio também esteja presente. Além disso, as promoções são formas de aproximar ainda mais o torcedor da sua casa, do seu estádio. Neste ano ela chegou a ir ao jogo das oitavas, quartas e semifinais da Libertadores no Beira-Rio. O roteiro é sair cedo de Santa Maria para conseguir chegar pelo menos três horas antes do jogo em Porto Alegre:

³⁹ Disponível em: <https://internacional.com.br/noticias/promocao-especial-dia-da-mulher-colorada>

Do ano passado para cá eu tenho tentado ir nos jogos, eu não consigo ir sempre. **Até porque é muito mais caro para gente do interior. Tem todo o transporte, é mais cansativo, porque é uma viagem exaustiva.** Teve um jogo, contra o Bolívar em Porto Alegre foi às 19h, não teve ruas de fogo nem nada. A gente saiu às 8h daqui de Santa Maria. Pra voltar e chegar de madrugada. E se, por exemplo, vai trabalhar, ter aula ou outra coisa, é muito cansativo. Então eu escolho com muita racionalidade quais jogos eu vou, mas, por exemplo, eu vou nos principais. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Já nossa entrevistada 3 não vai com tanta frequência assistir aos jogos. Seu primeiro foi quando criança, tem poucas lembranças do momento, e o último jogo foi neste ano, um Gre-Nal, em 8 de outubro, partida válida pela 26ª rodada do Campeonato Brasileiro. Ela conta que na partida da semifinal contra o Fluminense estava em Porto Alegre a trabalho, seu trabalho é em home office, mas naquela semana precisaria estar presencialmente no trabalho. Aproveitou a oportunidade para ir a um jogo no Beira-Rio. Contudo, não conseguiu entrar no estádio, tentou comprar ingresso, mas esgotou. Na ocasião, pediu para um amigo, que era de Santa Maria, acompanhá-la na saga.

Então eu fui para as ruas de fogo igual, né? No dia do jogo, os **meus amigos iam entrar para assistir o jogo eu tava meio com medo de ficar sozinha lá no durante o jogo, ficar na rua porque não consegui ingresso.** Pensava que estariam vendendo ingresso lá, e era muito caro, daí é fora de cogitação, né? Aí acabei convidando um amigo meu de **Santa Maria para ir porque eu sabia que tinha excursão para lá de ônibus de pessoas que não conseguiram comprar ingresso,** que só iam para as ruas de fogo. E aí eu acabei pagando para um amigo meu ir só para ele fazer companhia para mim e porque ele queria muito ir também. (ENTREVISTADA 3, 25 anos)

Logo no início da nossa entrevista, ela reforçou que não estava tão envolvida com o clube e que talvez não saberia responder a alguns questionamentos. Contudo, o fato de tirar seu tempo assistindo a um jogo importante, mesmo que fora do estádio, evidencia o quanto ela valoriza essa paixão. Além disso, outras coisas também são acionadas na fala. Primeiro, o medo de estar sozinha em um lugar que deveria ser apenas de festas. E segundo, o quanto, apesar dos ingressos acessíveis para seus torcedores, o clube sofre com a venda de cambistas, que compram o ingresso por um valor e dobram, triplicam este valor. Podemos dizer, que infelizmente, faz parte da cultura do estádio e ainda é um desafio a ser enfrentado pelas gestões que passam. Apesar disso, o sentimento da nossa entrevistada 2, mesmo sem ter conseguido entrar no estádio, era de festa:

E fiquei um pouco frustrada, porque não consegui entrar, claro, né? Porque poxa eu queria muito. Mas foi muito legal lá fora também. Até antes do Inter perder, era uma festa no meio da rua o tempo inteiro. Tinha muita gente na rua. Se eu não me engano, eu vi em algum lugar que tinha umas 40 mil pessoas na rua que não conseguiram entrar, ficaram lá em volta. Mas foi muito legal, a gente ficou cantando as músicas de Popular. Foi muito legal (ENTREVISTADA 3, 25 anos).

Além do problema enfrentado pela torcedora, de não ter conseguido ingresso, para ela foi complicada a ida até o estádio. Ela conta que estava chovendo em Porto Alegre no dia e que no trajeto o carro do aplicativo que ela pediu quebrou. Ela teve que solicitar outro que ficou mais caro para chegar no estádio. No fim das contas, diz não ter se arrependido de nada. Alguns torcedores relataram a GZH⁴⁰, a ida, mesmo sem ingressos, ao estádio para acompanhar a atmosfera do clube. A Guarda Popular é a torcida do Internacional que embala o time atrás do gol sul. Em 2004, a tradicional Coreia, o setor do Beira-Rio que não pagava ingresso, desde a criação do Estádio, foi fechada por questões de segurança. Desde lá, o surgimento de camadas mais populares foi tomando conta dos setores do estádio. A logística é feita por integrantes, que entra antes das partidas para organizar o setor com faixas e bandeiras. É ela também que toca Camisa Vermelha, Oh Inter, Academia do Povo, entre outros cânticos.

O clima criado pela torcida do Internacional para a semifinal da Libertadores deste ano foi acima do que já havia sido feito. Já tradicional no clube, as ruas de fogos fazem sucesso. Torcedores esperam a passagem do ônibus dos jogadores, que ocorre cerca de 3 horas antes do início da partida, ao redor do estádio com sinalizadores vermelhos e fogos de artifício, criando uma mística para o jogo. Segundo a GZH⁴¹, foram mais de R\$ 60 mil arrecadados para comprar os artefatos pirotécnicos. A Guarda Popular também auxiliou na organização, apesar do dinheiro arrecadado ter sido de uma campanha encabeçada pelo fotógrafo Max Peixoto.

Após as ruas pintadas de vermelhos, colorados que conseguiram ingressos se direcionaram aos estádios. Aqueles que não conseguiram, como nossa entrevistada 3, precisaram se contentar com o entorno do Beira-Rio para a curtição do jogo. No próprio entorno do Beira-Rio existem alguns bares que transmitem jogos, como o Coreia, em

⁴⁰ Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2023/10/mesmo-sem-ingressos-colorados-vaio-para-o-entorno-do-beira-rio-veja-relatos-clnc77lh00ex013zayzvt40.html>

⁴¹ Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2023/10/torcida-colorada-faz-maior-ruas-de-fogo-antes-de-inter-x-fluminense-pela-libertadores-clnc97ekl00fx013zp95yt6vw.html>

homenagem a um tradicional setor das arquibancadas do antigo estádio Beira-Rio, antes da reforma. Além disso, na Avenida Padre Cacique há outros bares tradicionais, como o Nego Veio. Nestes bares ao redor do estádio, alguns ex-jogadores e ídolos do clube frequentam antes de entrar para assistir às partidas. Estar no entorno do Beira-Rio é uma cultura também para aqueles que já defenderam as cores do clube em campo. Alguns destes são lembrados e destacados pelos torcedores. Sobre ídolos, lembramos com os entrevistados no próximo tópico.

5.3 DAQUELES QUE NÃO SE ESQUECE

Um clube se faz com história. Vencer jogos, conquistar títulos e ter jogadores emblemáticos com a camiseta. Histórias de jogos memoráveis, de campeões e de épocas bonitas vividas pelo clube. Derrotas doloridas também foram elementos importantes trazidos ao longo das conversas. Memórias que se tornam um tanto quanto traumáticas, mas também “formam caráter” destes torcedores.

Vitoriosos, campeões, craques, experientes são os que ficam na história do clube, mas para os torcedores é preciso que alguma taça seja levantada para serem chamados de ídolos. E quando isso acontece, eles ficam agradecidos por poderem vivenciar a trajetória desses jogadores pelo clube. Atualmente, o retrospecto do Inter não é tão emblemático assim para o seu torcedor, apesar de muitas vezes o sentimento ser de que “poderia acontecer”:

Eu não comemoro antes, não falo que o Inter vai ser campeão, mas eu achava que, eu realmente achava que iria chegar na final pelo menos. Mesmo o Inter não estando indo bem no Campeonato Brasileiro, **os jogos da Libertadores foram construindo essa narrativa e tu via que o clima dos jogadores era diferente.** Eu fui no jogo contra o River, e **foi uma tortura aquele jogo.** Mas eu acho que depois daquele jogo deu muito uma sensação de tipo: **cara, a gente tá com chance** (ENTREVISTA 2, 22 anos).

A entrevistada 2 estava um pouco cética com o time em 2023. No início da competição, o time desempenhava um futebol desgostoso para alguns. Na Libertadores, ficou em primeiro lugar na fase de grupos (fez um ponto a mais que o segundo colocado, o Nacional, do Uruguai, com 11 pontos), um retrospecto de 3 vitórias e 3 empates. A próxima fase foi por sorteio, pegou o River Plate, da Argentina, nas oitavas de final, o jogo que a torcedora acima comenta ter sido uma “tortura”. No jogo de ida, o River Plate ganhou por 2 a 1. No jogo da volta o Inter venceu por 2 a 1, o que levou o jogo para os pênaltis. Foram dez

cobranças para cada lado, para River e Inter. As cobranças estavam sendo feitas no gol norte, lado em que fica a torcida rival no Beira-Rio. A última cobrança, do Inter, foi invertida para o gol sul, o contrário do que estava sendo cobrado até então. Atrás do gol sul fica a Guarda Popular, torcida do Inter. Foi no momento em que o goleiro Sergio Rochet fez o último gol de pênalti, que garantiu a classificação para o Inter:

Porque acho que o Inter entrou nessa Libertadores, na fase de grupos deu muita a sensação, **Inter tava passeando na Libertadores**. Daí quando sortearam que a gente ia pegar o River Plate, ficou um clima de “**bah já de primeira, nas oitavas de final pedrada, muito difícil o Inter passar**”. Eu não tava com essa sensação. Até porque o Inter trocou de técnico e tudo mais, teve várias mudanças nesse sentido e eu achei que alguma coisa ia mudar, alguma coisa o Inter ia fazer diferente. **E daí acho que depois aquele jogo do River deu muito uma sensação de que iríamos ir longe**. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Passada a fase chamada “oitavas”, faltavam apenas 4 jogos até a final. Ao ser questionada sobre jogadores craques e ídolos, ela diz que o diferencial de um jogador craque é a qualidade técnica. Ele também precisa se destacar do resto do time, ter algo nele que não há em nenhum outro jogador, ser quase que insubstituível:

Acho que qualidade técnica. Ver que um jogador tem habilidade que os outros não têm. **Cria chances de gol, cria jogadas que o outro não cria**. Acho que isso é o principal. **Mas acho que ser torcedor tem outras questões que acabam pesando mais, além de qualidade técnica. Quando o time depende dele, ele não vai falhar**. Acho que isso é uma situação que pesa muito, em relação a essa percepção de torcedor, em relação ao craque. Mas acho que é principalmente em relação à qualidade técnica. Por exemplo, acho que o Inter sempre teve camisas 10 muito bons, que se destacavam talvez nacionalmente assim. E acho que é um pouco disso, o Inter sempre teve camisas 10 que eram o protagonista do time, que cria jogada, que cria chance de gol, que dá passe, que é decisivo, que bate falta bem, que bate pênalti bem. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

A entrevistada 2 verbaliza o peso que é vestir a camisa 10 do Internacional. O jogador que a carrega precisa ser protagonista e não pode falhar em momentos decisivos. Apesar de ser um esporte coletivo, no futebol o torcedor espera de alguns jogadores mais do que de outros, como é o caso desta torcedora com o Alan Patrick atualmente:

Acho que é um consenso entre a torcida de que o melhor jogador do Inter atualmente, ainda que o Valencia tenha vindo da Europa, **a cara do Inter é o Alan Patrick**. Até porque, acho que é mais visível quando ele é substituído. Parece que eles não sabem o que fazer, no campo, às vezes. **Chamam ele de maestro, ele é o maestro, ele distribui o jogo, principal responsável**. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Apesar de considerado maestro, ainda não é possível chamá-lo de craque. Além disso, quem viveu outras histórias e viu o seu clube do coração levantar títulos importantes sente que o futebol não é mais o mesmo. E são muitos os fatores que o levam a pensar nisso, a opinião da imprensa, a profissionalização do futebol, o uso do clube como uma marca, entre outros.

E também eu entendo hoje que o futebol perdeu uma coisa que tinha há um tempo, que era a camiseta. E quando eu falo isso se tu olhar o uniforme dos times hoje e antigamente estão sendo descaracterizados pela força do merchandising. Se perdeu aquele uniforme. Da mesma levada se perdeu aquele jogador de identidade com o time. No Brasil os dois últimos: Fábio no Cruzeiro e Rogério Ceni no São Paulo e tínhamos um D'Alessandro aqui no Inter. Hoje o jogador joga pelo salário (ENTREVISTADO 1, 62 anos).

Neste ponto, nosso entrevistado junta duas ideias em uma: fala sobre a mudança nas cores do clube por conta do marketing e também daquele jogador apaixonado pela história do clube. O primeiro ponto é relatado pelo entrevistado visto que nos últimos meses o Inter lançou uma nova camiseta na cor cinza com tons de verde para valorizar o Certificado de Gestão de Resíduos, sendo o primeiro clube do Brasil com este título⁴². O entrevistado sabe que a causa é nobre e importante, no entanto, não é preciso alterar a camiseta para que se comemore este ponto. O uniforme seria quase que uma instituição dentro do clube: pouco se mexe, muito se conserva. Aqui percebemos que para além da conscientização com a causa, algumas coisas não devem ser alteradas por respeito ao estatuto do clube, a cor da camisa é uma delas.

Crescer assistindo um ídolo é algo que reforça ainda mais aquele amor. Para nosso entrevistado 1, o jogador como pessoa é algo a se valorizar além do que é apresentado dentro de campo. Já para nossas entrevistadas 2 e 3, a questão técnica do futebol, de ser inteligente dentro de campo é algo valorizado. D'Alessandro e Fernandão foram os nomes elencados como ídolos:

Para essa geração assim que assistiu principalmente mais a Libertadores de 2010 e assistiu a Sulamericana também. E aí que tá são muitos fatores, meu pai é muito fã do D'Alessandro. A geração de torcedores do tipo dele acredita muito que o jogador não pode ser "arregão", um jogador que se é para jogar tem que jogar, se é para dar soco, tem que dar soco, tem que ser entregue ao time, ao jogo, sabe? (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

⁴² Disponível em:

<https://internacional.com.br/noticias/inter-e-adidas-valorizam-a-sustentabilidade-em-nova-camisa-para-temporada-23-24>

Aqui, nossa entrevistada 2, ao ser questionada sobre seu ídolo no clube, não pontua quem é. Mas, instantaneamente, apoiou o ídolo do seu pai. Mesmo não reforçando que para ela D'Alessandro é seu ídolo, ela diz.

Intenso do início ao fim, este era D'Alessandro atuando pelo Internacional. Em muitos jogos, o jogador era quem reclamava de um lance para a arbitragem ou dia conversar com outros jogadores. Quando se sentia injustiçado, partia para cima do juiz questionando. Com a bola nos pés, era ágil. Sua principal característica era a *La Boba*, onde ele puxa a bola que está de um pé para o outro e faz o mesmo em sequência, para aí arrancar para a jogada. Em uma partida que ficou em 4 a 1, D'Alessandro discutiu com Felipão, que era técnico do Grêmio na época⁴³. E isto não ficou restrito a um único jogo. A mesma característica de D'Alessandro aparece em outros jogadores para o nosso entrevistado 1.

Quem viu um Figueroa, quem viu um Valdomiro, quem viu um Carpegiani, um Batista, um Falcão, mais para cá um Fernandão, um Iarley, eles tinham, eles entravam dentro de campo com aquele compromisso de entrega do início ao fim. Perdesse ou ganhasse estavam ali. É por isso que citei que Falcão para mim foi um grande jogador. Porque ele era isso, ele era um líder dentro de campo e era um exemplo fora de campo. E isso não dá para separar, não dá para separar. Então essa gente que tem uma vida pública, tem uma responsabilidade, não é que ele não possa fazer, mas ele tem que ter cuidado em fazer essas coisas (ENTREVISTADO 1, 62 anos).

Apesar da entrevista ter sido separada pelos tópicos citados anteriormente, os dados acabam se cruzando conforme os elementos eram trazidos. Infância e relacionamentos foram duas características que apareciam a cada tópico elencado e pergunta realizada. A nossa entrevistada 2 elenca, ao contar sobre aquele jogo que assistiu entre Inter x Cerro Porteño, as fotos e autógrafos tirados com os jogadores durante a época. Para ela, apesar de ser maior, ainda não entendia muito das relações e características dos jogadores. Hoje tem fotos com alguns deles que somente “passaram” pelo clube, sem deixar sua marca:

Tenho foto com o Alisson no banco de reservas, quando ele era reserva do Muriel, tenho foto com o Dunga. Tenho registros com os podres. Com o Fabrício, aquele que xingou a torcida naquele lugar, tenho um autógrafo, levei uma bandeira e pedi autógrafo. Autógrafo do Índio, do Alan Costa, sei lá onde é que ele anda, eu não faço ideia. Ainda bem que eu tirei foto com o Alisson porque, por exemplo, naquele momento ele não era o Alisson que conhecemos hoje, ele era o irmão do Muriel. Hoje em dia tudo bem. Eu tenho esse orgulho de ter e depois ter tirado foto com ele outra vez em Porto Alegre. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

⁴³ Disponível em:

http://www.espn.com.br/noticia/457313_dia-de-furia-dalessandro-briga-com-conterraneo-e-com-felipao-em-grenal-quente

Foi em um jogo do campeonato Gaúcho que 2015 que o jogador Fabrício fez gestos obscenos para a torcida do Inter, após perder um lance na linha lateral, ser vaiado pela torcida. A entrevistada, apesar de ter um autógrafa do jogador, não rememora a passagem dele como positiva, mesmo o ocorrido tendo sido antes do xingamento do jogador com a torcida. Em compensação, relembra de outros jogadores com carinho. Mesmo não sendo reconhecido como um grande jogador pela sua passagem pelo Inter, Alisson Becker é lembrado de forma carinhosa por ela. Alisson cresceu na base do Internacional e jogou no profissional de 2013 a 2016, quando foi vendido para o clube Roma. Em 2018 foi vendido ao Liverpool, onde atua desde então. Por ser Clube Formador⁴⁴, o Internacional recebe um valor de 5% em transferências a cada venda do jogador. O goleiro também é frequentemente convocado para jogos da Seleção Brasileira.

O “jogo de cintura” é um termo utilizado para caracterizar alguém que sabe sair de uma situação com classe, alguém que sabe se virar. Um jogador que tem jogo de cintura seria um jogador que joga com malícia. Para Damatta (1982) o futebol brasileiro é caracterizado pela malandragem, em contrapartida ao jogo europeu, baseado na força e controle individual de cada jogador. Para nosso entrevistado 1, o conceito de “jogar com o regulamento debaixo do braço”, que ele caracteriza ao futebol uruguaio, equivale a este “jogo de cintura” do autor.

É muito simples. O futebol gaúcho sempre foi baseado na força. Tanto é verdade que a gente sempre era comparado com Argentina e Uruguai, né? E sempre diziam que os times uruguaios já tinham sido campeões porque eles jogam com o regulamento embaixo do braço. Eles não têm vergonha de se fechar. Eu tenho dito que o futebol gaúcho tem perdido identidade faz muito tempo. Eu tenho saudade hoje de um Caçapava, de um Dunga, de um Guiñazu, de tantos jogadores que passaram, que eram jogadores de força, que tinha alguém para “carregar piano” enquanto os outros podiam jogar. (ENTREVISTADO 1, 62 anos)

Já para a nossa entrevistada 2, a questão técnica é mais fundamental para um time do que um jogador “malandro”. Mesmo assim, já quando questionada sobre ídolo, acaba colocando D’Alessandro, que tem estas características, na prateleira. O entrevistado 1 reforça a máxima de que faltou algo nesse estilo para que o Inter saísse vivo para a final da Libertadores deste ano. No fim, o time foi punido. Apesar de ter jogado bem, não teve a eficácia de ganhar o jogo com tranquilidade. Faltou personalidade de campeão:

Sinceramente a gente sabia que o Inter não tava numa boa fase, qualquer Colorado em sã consciência não acreditava numa classificação contra o River Plate. E eu

⁴⁴ Para conquistar o Certificado de Clube Formador da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), os clubes devem se atentar a algumas regularizações em Centro de Treinamento. Os jogadores da base também devem receber assistências, como alimentação, médica, alojamentos adequados etc.

lembro que a máxima, a gente dizia assim, tem que sair vivo os dois confrontos, foi assim contra o River foi assim contra o Fluminense. E eu vou me deter mais no do Fluminense, porque foi um jogo que a gente viu o Inter jogar muito. Sentiu que perdeu a chance. E daí não era sair vivo. E deixou ele (o Fluminense) sair de lá e isso aumentou a autoconfiança nossa. A gente viu o Inter jogar muito bem contra o Fluminense aqui e ficou aquele gostinho amargo de que nós fomos punidos por algo. (ENTREVISTADO 1, 62 anos)

Nossa entrevistada 3 também elenca o Alan Patrick como um jogador craque. A respeito de ídolo, o nome citado é Fernandão:

Desde criança assim sempre fui muito do Fernandão, né? Eu tinha uma camiseta com o nome do Fernandão para mim ele era o cara assim do time. E aí depois de um tempo como eu te falei, eu não acompanhei mais não. Mas acho que um ídolo seria o Fernandão. Hoje em dia para mim um jogador craque é o Alan Patrick pela desenvoltura dele em campo. Claro, tem o Enner Valencia, mas acho que o que se destaca é o Alan Patrick. (ENTREVISTADA 3, 25 anos)

Para colocar um jogador na prateleira de ídolo, é preciso que ele ao menos tenha ganhado um título de destaque e ser importante em sua campanha, seja pelas características técnicas ou personalidade dentro de campo. Como pontuado anteriormente, apesar de lembrado com carinho pela entrevistada 2, Alisson não é rememorado como ídolo na entrevista, mesmo tendo ganhado 5 campeonatos gaúchos pelo Inter. À época, D'Alessandro era o capitão da equipe, sendo rememorado por ela como ídolo:

Acho que o ídolo é diferente. Sempre acontecem essas discussões. Fulano é ídolo? Esse ano aconteceu com o Gabriel Mercado. Mesmo em pouco tempo, teve uma baita trajetória pelo Inter. É um cara que não falha em decisão, que acho que é algo muito importante. **O ídolo tem que ter levantado taça.** E acho que a maioria da torcida pensa assim, e de tá relacionado, se não a título, mas de uma campanha de muito destaque, mais que uma final, uma final muito competitiva. E por enquanto, eu não acho o Alan Patrick ídolo, por exemplo. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Sobre discussões e relacionamento dos torcedores com o clube por meio das redes sociais, discorreremos no próximo tópico.

5.4 TORCEDORES CONECTADOS

Músicos, artistas, empresas dos mais variados nichos estão e percebem a importância de estar conectados com seus fãs e clientes agora mais do que nunca. E esta conexão, da forma como é feita, afirma valores. A conectividade se reforça no momento que a marca se posiciona em determinadas campanhas ou reafirma sua história. O Internacional possui

diversos canais de comunicação com seu torcedor, online, mas também a conversa de torcedor com torcedor por meio dos consulados.

Como pontuado anteriormente, nosso entrevistado 1 se relaciona com o clube pelo trabalho, com seus comentários esportivos. Está em diversos grupos de WhatsApp em que conversam sobre o mundo do esporte. Além disso, acompanha seu time pela televisão e rádio. Seu relacionamento com o clube se reforça com a conexão de amigos. A paixão iniciou-se a partir do rádio, das narrações. Na entrevista com ele, acabamos criando uma categoria de análise para quando ele citasse a imprensa de forma geral, quanto a comentários esportivos. Por ser comentarista, está sempre acompanhando futebol das mais diversas formas em programas esportivos ou nas próprias transmissões. Em determinado momento, ele relaciona sua profissão com a de um atleta:

Eu brinco. Hoje trabalho com comunicação, a gente se prepara para fazer um programa e flui naturalmente. No outro dia tu vai e tu não consegue fazer. O atleta é assim. Tem dias que ele se prepara e ele vai fazer bem feito isso. E a imprensa acaba sendo comentarista de resultado. E isso torna um sentimento de sabe quando o time perde, mesmo jogando bem. É só o resultado que importa. (ENTREVISTADO 1, 62 anos)

Já a entrevistada 2 costuma reforçar laços com os amigos pelos grupos de WhatsApp. Ela também faz parte do grupo do Consulado e discorre comentários no grupo sobre o clube. Segue o clube nas suas redes sociais e o acompanha por lá. Costuma assistir aos jogos pela televisão e internet. Como é sócia, recebe os e-mails do Internacional destinados aos sócios e suas campanhas. Ela, dos três entrevistados, é a única sócia. Foi por incentivo do Consulado e da campanha do Inter de Dia da Mulher que passou a ser associada:

Com certeza eu não ouço rádio nem vejo televisão. Acompanho pela rede social e também por grupo no WhatsApp de torcedores colorados e amigos. E torcedores colorados, por exemplo, o grupo do Consulado do Inter de Santa Maria. Tem muita gente ali e sempre as notícias acabam chegando, mas também por amigos assim próximos, a gente conversa bastante e se encaminha as coisas sempre. Tem também os meios oficiais do Inter, mas também por reportagens que sai, por exemplo, a cobertura dos jornais aqui da Região sobre o Inter. (ENTREVISTADA 2, 22 anos)

Nossa terceira entrevista acompanha o clube pelas redes sociais também. Utiliza o Instagram para ficar informada sobre jogos e treinos. As novas comunidades do WhatsApp são outro meio em que ela recebe informações sobre o clube. Além disso, possui um grupo de WhatsApp com amigos mais próximos e lá conversam sobre o clube.

Eu acompanho basicamente no Instagram, no Twitter e também tem aqueles canais agora ali no WhatsApp. Eu não sei se tu já viu e tu consegue ver ali sempre todas as notícias. Daí geralmente eu acompanho por ali, vou abrindo e vou lendo. É basicamente essas três hoje que eu vejo assim. Eu não estou em grupo do Consulado ou outro grupo. Eu acabei entrando num grupo do pessoal que ia aquela para o jogo do contra o Fluminense, né? Mas foi só para aquilo também depois do grupo. Acho que nunca mais mandaram nada, inclusive. (ENTREVISTADA 3, 25 anos)

Neste ponto, é possível perceber como é importante que o clube se posicione nas redes sociais e chegue até seu torcedor. Além disso, a partir do momento que cria laços com pelo menos um dos nossos entrevistados, por meio do Consulado (entrevistada 2), consegue reforçar e fidelizar ainda mais o torcedor que está distante. Para ele, por exemplo, não compensa financeiramente assistir a um jogo mensalmente e ser sócio. Mas pode ser importante se ele entenda que estando com a mensalidade em dia pode votar no próximo presidente do clube ou até mesmo garantir descontos em jogos e datas comemorativas, bem como ter a prioridade na compra.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho visou traçar qual o sentimento de torcer para os colorados que moram distantes da capital. Além disso, entender suas relações com a comunicação do clube, por qual motivação desejam ir aos jogos e como são suas rotinas quando decidem estar perto do time. Buscamos entender como estes torcedores se sentem ao estarem distantes do estádio, como este fato afeta o relacionamento. Além disso, trouxemos uma reflexão acerca do trabalho social e consular do clube.

Realizamos três entrevistas focadas em quatro categorias de análise, sendo elas: torcer e o sentimento; torcida distante do Beira-Rio; relacionamento com ídolos e time atual e informações sobre o clube. Estas categorias de análise surgiram a partir das leituras dos pesquisadores que baseiam a teoria desta pesquisa. As entrevistas foram analisadas por meio da Análise do Discurso e decupadas em cores para melhor leitura dos dados. Foi possível perceber que o trabalho do consulado mobilizou uma das três entrevistadas.

Apesar da distância, para os nossos três torcedores colorados o sentimento não se altera estando perto ou longe. Em determinadas ocasiões, foi possível perceber que por círculo de amizades, diálogo com outras pessoas que se interessam pelo futebol, o desejo de se manter mais informado sobre o clube era maior. Contudo, a distância física em relação ao time pouco interfere no sentimento. Para estes torcedores, questões como o financeiro pesam no desejo de estar mais presente e ir ao estádio. Também o cansaço de uma longa viagem, assim como o calendário (pensando em jogos de mais relevância, como de Libertadores, que são durante a semana) são impedimentos para as idas ao Beira-Rio. O sentimento não se altera. O sentimento de amor pelo clube permanece. Contudo, o interesse em acompanhar o seu clube diminui ou aumenta pelos fatores elencados. Há questões pessoais que influenciam também no relacionamento com este clube, como foi o caso do nosso entrevistado 1. Pela perda do filho, o retorno ao Beira-Rio se distancia cada vez mais. Além disso, o relacionamento com a família, o diálogo entre os amigos é algo que faz manter viva a memória do filho na relação com seu clube do coração e de certa forma, isto aproxima o pai ainda mais do clube.

Para pensar em uma maior aproximação com estes torcedores, que estão distantes da capital, estratégias como as já produzidas pelo clube, como a de ingressos promocionais, podem ser uma das maneiras de aproximar ainda mais seu sócio torcedor. Além disso, de angariar mais sócios, como foi o caso da nossa entrevistada 2. O fortalecimento dos seus consulados, como foi visto nos últimos anos no Consulado de Santa Maria, é uma maneira do

clube conseguir se fortalecer no interior do estado. Valorizar o apoio do torcedor, seja pelo voto, pela presença no estádio, na compra de produtos ou até mesmo no interesse em entender como este sócio se sente com campanhas de momentos históricos do clube são maneiras de dar um retorno ao torcedor pelo apoio. Mesmo que de maneira genuína, o torcedor não deseja nada em troca pelo seu apoio, se sentir valorizado pelo apoio de alguma maneira mexe com este sentimento. Trabalhar simbolismos e o sentimento do torcedor pode ser uma das estratégias do clube para aproximar ainda mais aquele que está distante de forma física. Além disso, o perceber que está sendo valorizado pelo clube é um ponto importante para nossos entrevistados, este ultrapassa questões financeiras, devem ser consideradas estratégias visando o sentimento e o rememorar. Outro ponto evidenciado é de que um clube se faz com títulos. A paixão não diminui pela ausência deles, mas é sentida. Apesar disso, nossos torcedores entendem a grandeza do Internacional e é por ela que permanecem.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2002.

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOAS, Sergio Villas. **Formação & Informação Esportiva Jornalismo Para Iniciados e Leigos**. Summus Editorial, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HELAL, Ronaldo. **A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro**. Revista Alceu, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003.

HISTÓRIA DO GRENAL. 2023. Disponível em: <<https://historiadogrenal.com/>>. 4 de dezembro de 2023.

DAMATTA, Roberto. **Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro**. Revista Usp, 1994.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?!**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. Pontes, 2005.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista estudos históricos, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. **Futebol, imprensa e memória**. Revista Fronteiras-Estudos Midiáticos, v. 6, n. 1, p. 61-78, 2004.

VOGEL, Arno. O momento Feliz, Reflexões sobre o Futebol e o ethos nacional. DAMATTA, R. **Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982, p. 75-116.